

SÃO PAULO ❖ SETEMBRO DE 1916 ❖ ANNO XV

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

— © DA © —

Associação Beneficente

— ❖ DO ❖ —

PROFESSORADO PUBLICO DE S. PAULO

Publicação trimestral, sob os auspícios da Directoria Geral
da Instrucção Publica

NUMERO 2



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO « DIARIO OFFICIAL »

1916

O MEDO NAS CRIANÇAS

(LINO FERREANI)

(Da «Natura ed Arte»)

Nos meus livros consagrados á criminalidade precoce, e portanto, ao estudo das crianças anormaes, tive um vasto campo para estudar o phenomeno do *medo*: phenomeno que, como é sabido, inspirou paginas magistraes ao nosso Manzoni, que nos *Noivos* sempre se revelou fino e profundo analysta de todos os estados d'alma.

A analogia existente entre crianças normaes e anormaes, alvo de todas as minhas pesquisas; as persistentes e lamentáveis lacunas que se encontram em nossos systemas educativos — raramente vivificados por exactas noções de physio-psychologia — induziram-me a estudar o medo nas crianças normaes tambem e com o auxilio de um material pacientemente colligido.

Deste estudo dei uma prova numa de minhas mais recentes publicações. Parece-me util, e agora o faço nesta auctorizada e popular revista, voltar ao grave e delicado assumpto, demasiadamente descuido por varios educadores, ou, o que é ainda peor, considerado e avaliado á luz mortica de antiquados systemas educativos, donde reacções suggeridas por uma falsa psychologia infantil.

Os estudiosos da vida da criança (e desejaría eu que o fossem pelo menos *todos* os paes, que *sabem* e *podem*) encontrarão dados dignos de sua attenção, reflectindo depois, que, para o educador *consciencioso*, o medo é phenomeno digno de maximo e attento cuidado porque elle affecta todo o organismo da criança, que é, convém não esquecer, um organismo em formação.

Para se combater esse pernicioso phenomeno, é preciso estar-se bem aguerrido, sem nunca se proceder ás tontas, ter a mão firme, isto é, não só guiada pela previdencia e pelo amor, como tambem pela sciencia.

Um meio de correção errado, um acto de imprudencia, embora leve, um acto de fraqueza ou de energia não calculada, podem produzir consequencias sinistras e *irreparaveis*, porque o organismo infantil, já agitado pelo medo, será aggravado pelo erro da educação e assim maior será o trauma psychico e de tal força a tornar improficuos todos os ultteriores remedios.

No programma do educador conscio do seu árduo dever, deve occupar logar proeminente a idéa de plasmar na creança uma consciencia que a subtráia da tyrannia do medo (irmão gêmeo da fraqueza de animo) e ao mesmo tempo da audacia impulsiva, que se não deve confundir com os impulsos generosos cultivados nas creanças e que destróem aquelle egoismo nellas innato e sempre dominante. Com razão affirmava Antisthenes: « Quem teme a outrem é escravo, muito embora o ignore ». Gurazi, na *Batalha de Benevento* escreveu: « O temor é signal infallivel de animo não recto ».

Recordemos ainda dois escriptores, que, com espirito arguto, estudaram o *medo* e cujas observações podem synthetisar-se nos seguintes preciosos aphorismos. Ségur disse: « O medo e a superstição entravam a nossa razão » e Berne: « A verdadeira coragem não é sómente um aerostato que se eleva, mas é tambem um para-quédas na desventura. O homem mais perigoso e que é mais para se temer é aquelle que tem medo. »

Assim é de facto, uma vez que — como já observei e como numerosas experiencias o demonstram — o medo póde quasi sempre definir-se como a ante-camara da cobardia, e constantemente assim se revela quando se pinta de côres mórbidas. Ora, é sobretudo para esse *medo* mórbido (denunciador de um organismo depresso) que o educador *deve* volver o pensamento amoroso e sapiente, *alliando-se ao medico*, este benemerito medico que deveria ser assiduo amigo da casa, mas não sómente o clinico chamado para acudir ao doentinho obrigado a ficar de cama por verdadeira e propria doença.

O problema da educação — como se sabe ou dever-se ia saber — objectivando tudo quanto diz respeito ao physico, á mente, ao coração da creança, desde que se deseje resolvel-o harmonicamente, deve occupar-se daquella depressão moral, daquella fraqueza physica, daquella desordem mental que são a determinante do medo nas creanças. Na vida — por causa do ainda tardio sentimento de justiça distributiva que governa a raça humana — as maiores humilhações são, além do mais, reservadas frequentemente aos fracos e estes pertencem, em grande maioria, á classe infeliz das victimas do medo. Os *homens-arbustos* descriptos pelo grande psychologo Balsac, são membros

Um meio de correcção errado, um acto de imprudencia, embora leve, um acto de fraqueza ou de energia não calculada, podem produzir consequencias sinistras e *irreparaveis*, porque o organismo infantil, já agitado pelo medo, será aggravado pelo erro da educação e assim maior será o trauma psychico e de tal força a tornar improficuos todos os ulteriores remedios.

No programma do educador conscio do seu árduo dever, deve occupar logar proeminente a idéa de plasmar na creança uma consciencia que a subtráia da tyrannia do medo (irmão gêmeo da fraqueza de animo) e ao mesmo tempo da audacia impulsiva, que se não deve confundir com os impulsos generosos cultivados nas creanças e que destróem aquelle egoismo nellas innato e sempre dominante. Com razão affirmava Antisthenes: « Quem teme a outrem é escravo, muito embora o ignore ». Gurazi, na *Batalha de Benevento* escreveu: « O temor é signal infallivel de animo não recto ».

Recordemos ainda dois escriptores, que, com espirito arguto, estudaram o *medo* e cujas observações podem synthetisar-se nos seguintes preciosos aphorismos. Ségur disse: « O medo e a superstição entravam a nossa razão » e Berne: « A verdadeira coragem não é sómente um aerostato que se eleva, mas é tambem um para-quédas na desventura. O homem mais perigoso e que é mais para se temer é aquelle que tem medo. »

Assim é de facto, uma vez que — como já observei e como numerosas experiencias o demonstram — o medo póde quasi sempre definir-se como a ante-camara da cobardia, e constantemente assim se revela quando se pinta de côres mórbidas. Ora, é sobretudo para esse *medo* mórbido (denunciador de um organismo depresso) que o educador *deve* volver o pensamento amoroso e sapiente, *alliandc-se ao medico*, este benemerito medico que deveria ser assiduo amigo da casa, mas não sómente o clinico chamado para acudir ao doentinho obrigado a ficar de cama por verdadeira e propria doença.

O problema da educação — como se sabe ou dever-se ia saber — objectivando tudo quanto diz respeito ao physico, á mente, ao coração da creança, desde que se deseje resolvel-o harmonicamente, deve occupar-se daquella depressão moral, daquella fraqueza physica, daquella desordem mental que são a determinante do medo nas creanças. Na vida — por causa do ainda tardio sentimento de justiça distributiva que governa a raça humana — as maiores humilhações são, além do mais, reservadas frequentemente aos fracos e estes pertencem, em grande maioria, á classe infeliz das victimas do medo. Os *homens-arbustos* descriptos pelo grande psychologo Balsac, são membros

naturaes desta grande familia, incapazes de toda a energia re-activa.

Já Descuret, ha muitos annos, na sua *Medicina das Paixões*, ennumerou desastrosos effeitos do medo, agitador da alma infantil.

Os seres debeis (por motivos de ordem physiologica e de idade), senhoras e creanças, especialmente, são geralmente sujeitos ao medo. Acontece, todavia, que uma creança desenvolve um maior gráu de ousadia de que não é capaz um seu coetaneo, e póde desenvolvê-lo com aquelles caracteristicos mais proprios da prudencia raciocinada que do verdadeiro medo.

Ora, uma tal creança, que de entre seus companheiros se distingue, para se approximar do corajoso (repito, não se confundamos corajosos com os impulsivos e com aquelles cuja temeridade se avizinha da loucura), póde facilmente ser encaminhado para a estrada da *verdadeira* coragem, si lhê dermos uma educação physio-psycho intellectual, como está succedendo de modo particular, na America Ingleza (Morro) e na Suissa Aleman.

Contrária e desgraçadamente, nas familias da nossa raça *latina*, um falso systema educativo disséca a fonte da coragem e facilita a do medo. O cego amor e a indole timida de muitas mães vê o perigo por toda a parte. Si elle não existe, imaginam-n-o, criam-n-o, pintam-n-o, com aquella natureza doentia, que, por sua vez, é o expoente da falsa educação recebida.

Assim o erro se perpetúa de geração em geração, e, é doloroso que em muitos casos, ao menos para attenual-o, tenha deixado de penetrar um modesto raio de sciencia e de vida moderna. Si, porém, o perigo existe, mas não de tanta gravidade que deva, razoavelmente, intimidar a creança, a mãe o exaggera com um estylo *quixotesco* ou *tartarinesco* e de modo que o nosso *homenzinho-esponja* começa a absover, gotta a gotta, a peçonha do medo.

Este veneno, com o seu lento, porém, persistente trabalho, o conduz pela estrada resvaladiça da pusillanimidade, onde perde toda a energia salutar, todo o impulso generoso, toda a noção dos deveres que exigem fortaleza de animo, porque — além do mais — este perigoso philtro fecunda os germens do egoismo, que tão grande parte toma na psyche infantil.

E não é tudo ainda.

Em muitas familias, as fabulas e historietas (que seriam tambem um bello factor de san educação quando dictadas por escriptores familiarizados com a alma da creança) completam a que denominarei *educação ás avessas*, porque os protagonistas de taes fabulas e continhos, são *demonios, bruxas, monstros e duendes* ou

ainda *soldados, selvagens, assassinos*, que prendem ou matam ou devoram as creanças travessas.

E' na verdade surpreendente que ainda certos paes pensem corrigir com meios anti-scientificos e anti pedagogicos (ou melhor, *grosseiramente medievales*) as culpas, os erros e os defeitos de seus filhinhos. São meios que desenvolvem, sob a fórma mórbida, o sentimento da timidez, resultando disso um ente docil e honesto pelo temor do demonio e do soldado anthropophago e que mais tarde se transforma no *Tartufo* immortalizado por Molière, como temos homens honestos que sómente o são porque receiam o codigo penal, porém que na realidade são mais terriveis que outros, porque se occultam sob o manto da hypocrisia.

As fabulas a que me referi devem ser radicalmente banidas de um programma de educação séria que se proponha, por bem outros caminhos, a dar uma san direcção ás energias phisicas e moraes da creança.

*
* *

Passemos agora ás cifras que, como ensinou Goethe, indicam como caminham as cousas deste mundo.

Sobre 225 creanças de condição social diversa, o medo exerce sua influencia do modo e pelas causas seguintes :

- 125 por exaggerado amor materno ;
- 75 « máus exemplos ;
- 25 « motivos hereditarios.

De entre estes ultimos affectados de medo sob fórma mórbida (phobia), 40 assim se classificam :

- 2 de hematophobia (medo do sangue) ;
- 4 de ágoraphobia (medo do deserto) ;
- 1 de tanatophobia (medo da morte) ;
- 1 de siderophobia (medo do trem de ferro) ;
- 1 de phobophobia (medo de ter medo) ;
- 2 de anthropobia (medo da multidão) ;
- 2 de monophobia (medo de estar só).

Penso ser superfluo repetir que nestes casos de temor mórbido, a cura deve ser mais do que nunca intelligente e guiada pelo medico e nem será preciso demonstrar o quanto são errados e grosseiros os remedios de certos paes que julgam curar os filhos com as punições corporaes, ou encerrando-os em quartos escuros. Os effeitos de uma tal therapeutica são simplesmente o aggravante das condições anormaes da creança.

Aos paes que possuem filhos affectados de *phobias* lembrei o que escreveu Gelimaur definindo o medo mórbido. «Um instantaneo, irresistivel terror agonizante, que sobrevêm em determinadas condições e em certos ambientes, e que gera uma emoção tão profunda que é capaz de paralyisar a vontade e a razão, estes dois grandes pilotos que devem dirigir se no sentido de vencer qualquer temor commum.»

*
*
*

E' interessante, para o estudo da psiche, reproduzir, divididos em dez grupos, respostas características, dadas por algumas creanças á pergunta:

«PORQUE TENS MEDO?»

1. — Temos medo porque de noite é muito escuro.
2. — Temos medo porque quando troveja, o *diabo* passeia de carro entre as nuvens.
3. — Temos medo, porque somos pequeninos.
4. — Temos medo porque, quando o tempo está tempestuoso, o vento assobia como gente.
5. — Temos medo, porque o *homem negro* come as creanças malcreadas.
6. — Temos medo, porque o diabo sabe se estudamos ou não.
7. — Temos medo de adormecer, porque os *espiritos infernaes* passeiam durante a noite.
8. — Temos medo dos *guardas da cadeia*, porque prendem os meninos que sujam os aventaes.
9. — Temos medo dos *soldados*, porque comem as creanças que se comportam mal na escola.
10. — Temos medo dos *velhos feios*, porque mordem os meninos que não estudam as lições.

As respostas dessas creanças, embóra não uniformes, têm — e á primeira vista se percebe — a mesma base.

Evidentemente, essa base sobre que todas ellas assentam, reflectem o systema educativo... ás avessas, das familias que recorrem a tão estupidos meios para tornar os filhos bons e estudiosos. Não se lembram de que, pelo contrario, esses meios levam-n-as, pelo temor, pela superstição e pela mentira a se tornarem deshumanos.

Sim, deshumanos, porque se incute nas creanças uma aversão cruel pelas pessoas edotas, quando se deveria despertar nellas o respeito mais affectuoso, a mais ardente veneração por

todas as pessoas de idade avançada (especialmente se de condição social inferior) e por aquellas que além disso não possuem um aspecto agradável. Assim, uma senhora idosa e, desgraçadamente, feia, transpirando miséria de toda sua magra e recurvada pessoa e ante a qual a criança devia mostrar-se piedosa e toda cheia de generosa caridade, torna-se a seus olhos objecto de terror, de desprezo, afigurando-se-lhes uma *bruxa*, uma *feiticeira*.

Os sentimentos sagrados do altruismo, porém, são malbaratados pelo temor, materializados pelo egoísmo, que se revela na sua forma mais odiosa, mais anti-social.

Não seria já tempo destes paes abrirem os olhos, e seguirem um outro systema educativo de sua prole, e de aferrolhar, hermeticamente, de uma vez para sempre, nos arsenaes da velha pedagogia, as *bruxas*, os *espíritos infernaes*, os *duendes* e outros estultos mythos?

Duzentas e cincoenta creanças foram, em parte, directamente examinadas por mim e, em parte, por alguns de meus collaboradores onde, graças a paciente e difficil inquerito, fosse possível estabelecer o modo pelo qual as creanças definiram o medo.

Destaco de entre todas as respostas as que são mais características e que melhor reflectem o estado mental e psychico do interrogado, e a athmosphera escolar ou domestica em que vivem:

1. — O medo é um tremor de todo o corpo.
2. — O medo é um homem feio, feroz e maltrapilho.
3. — O medo é a *vóvó* quando se zanga ao mandar-me á escola.
4. — O medo é o mestre que ameaça de me mandar prender pelos soldados. (Não é preciso observar quão nocivos se tornam estes methodos de correcção, tendo por substracte a mentira e o conseguintemente, a impossibilidade de produzir effeito. A principio a criança terá medo, depois zombará da ingenuidade do mestre, que recorre a ameaças tão pueris. Conclusão: a começo, um menino medroso; depois, um menino hypocrita e, por fim, um menino mal educado).
5. — O medo é o trovão.
6. — O medo é um soldado.
7. — O medo é dôr e tremôr nas pernas.
8. — O medo é o frio, como se estivessemos no inverno: parece-me estar sendo carregado pela estrada todo coberto de neve.
9. — O medo é uma grande dôr no peito.

10. — O medo é uma grande dôr, uma grande vontade de correr como se alguém me perseguisse.

11. — O medo é o filho do *diabo*.

12. — O medo é a *jetattura* de alguém que me quer mal (é um menino napolitano que fala).

13. — O medo é a dôr de uma creança como eu.

14. — O medo é o *diabo* da mamãe.

15. — O medo é o vento que sopra através das montanhas.

16. — O medo é uma mulher toda vestida de branco e de pés compridos.

17. — O medo é um homem máu, invisível, que á noite passeia nos quartos em que dormem os máus meninos.

18. — O medo é o medo: é preciso sentil-o para comprehendel-o. (Travaste conhecimento com *D. Abondio*?)

19. — O medo é uma corda que se entosca no meu pescoço e nas minhas pernas e me faz tremer.

20. — O medo é aquillo que experimentam os soldados quando vão para a guerra. Oh! nunca serei soldado!

21. — O medo é uma especie de febre que me dá dôr de cabeça.

22. — O medo é a necessidade de gritar, de se esconder todo embaixo das cobertas, quando se está na cama.

23. — O medo é a falta de coragem.

24. — O medo? Não sei o que é, sei apenas que é uma cousa muito feia, que não desejo ter.

25. — O medo é o *spaghettto*. (Ou seja, o proprio medo, e é excusado dizer que esta definição foi dada por um pequeno lombardo.)

Estas definições, das quaes algumas denunciam um espirito perturbado, deixam vêr claramente a educação das taes familias, que fazem uso de methodos condemnados pelo simples bom senso, bastantes, entretanto, para crêar falsos sentimentos. Essas familias pensam que dahi dimanam effeitos salutaes, e, ao contrario, são causas de verdadeiros desastres physio-psychologicos. Desta maneira, como se póde formar o character?

Compayré, no seu *Curso de Pedagogia*, escreve: « O character consiste, não já na totalidade de nossos habitos e dos nossos gostos, mas na completa posse de uma vontade firme, illuminada, recta, bôa e capaz de resistir aos acontecimentos e o character assim concebido é o idéal da educação moral ».

Idéal de que desventuradamente, em geral, estamos muito distantes, nós, os da raça latina em regra mal preparados — como observa Spencer — para a alta função social da educação familiar.

Os estudos de psychologia criminal, e, especialmente, o do mundo infantil, que realizo ha perto de um trintennio, teem milhares de vezes me demonstrado, com a força soberana dos factos que pelo menos 1.88 % das creanças affectadas de medo mórbido, teriam podido (precisamente como ne campo do crime) ser curados e salvos em tempo, não digo com o auxilio physico-psychologico, mas sim com o subsidio do bom senso, ajudado pelos principios mais elementares da hygiene physica e moral.

Todo o phraseado embutido de expressões amedrontantes, de estultas ameaças, deve ser banido da familia : o territorio da prudencia deve ser bem separado do da cobardia. A linguagem auctoritaria abrandada pela do amor e sobretudo pelo exemplo e fazendo comprehender á creança tude o que, de modo simples e suave, póde facilitar o desenvolvimento do senso moral e ainda daquela energia que serão o grande baluarte contra o qual irão quebrar suas aguçadas pontas, as armas do medo. Os jornaes illustrados, que são factores de bôa educação — quando rigorosamente honestos — tornam-se, ao contrario, instrumentos de perversão quando reproduzem scenas criminosas, narram assassinios, gestos de banditismo, factos sanguinolentos. Tudo isso exerce maléfica influencia sobre o espirito infantil, facilmente suggestionavel, bem sabendo-se como semelhantes leituras e illustrações exercem uma fascinação especial sobre o pequeno leitor, no qual, emquanto é férvida a imaginação, fraco é o poder de raciocinio.

Sabendo se quanto as creanças se inclinam a essas leituras, a despeito dos sonhos máus que perturbam seu somno, é conveniente que seus paes tenham todo o cuidado na escolha dos livros e illustrações que lhes devem pôr nas mãos, com o fim de desvial-as destas perniciosas tendencias.

Estude-se, pois, com amor, o phenomeno do medo, para combatel-o em tempo, e, recordemos — « nem temerosos, nem cobardes ».

Pela Methodologia

SUMMARIO : — O METHODO E SEU CONCEITO — VALOR DO METHODO NO ENSINO — METHODOS GERAES.

Sob triplice aspecto podemos encarar o sentido da palavra *methodo*.

Ter methodo, seguir um methodo, ensinar com methodo, — eis as tres faces do problema proposto. — Procuremos, pois, observar esses tres variados prismas, e verificar si, por elles, poderemos assentar a doutrina basica de nossa these.

Ter methodo é uma expressão commum, e, como tal, comprehende o sentido geral da palavra. Diz elle respeito aos nossos actos ordenados, aos nossos affazeres ou habitos dirigidos com ordem. Nada mais claro do que essa expressão trivial em que concretizamos a maneira ordenada ou desordenada com que um individuo pratica seus actos.

Seguir um methodo já não é o mesmo problema. Diz esse pensamento respeito a alguma investigação, envolvendo por isso uma idéa mais elevada: — é o prisma philosophico da questão. Muitas e varias vezes nos vemos a braços com o descobrimento de verdades ignoradas, de conhecimentos ainda não revelados, de questões ainda não resolvidas. E', nestes casos, que temos de seguir um methodo para nossas investigações, para nossos descobrimentos. *Philosophicamente*, pois, o methodo é esse caminho seguido, traçado, para conseguir o objectivo desejado.

Ensinar com methodo é, porém, uma questão differente: é a face didactica do problema e, aliás, a que mais nos interessa. Repararemos bem a importancia deste prisma — ensinar com methodo —, pois desde logo divisaremos nelle dois factores importantissimos — *educador e educando* —, e um fim capital — *ensinar*.

Caracteriza-se, assim, esta expressão das outras antecedentes e mostra bem o distinctivo que existe entre ellas.

A nossa missão como educadores é, precisamente, essa: conhecer o caminho seguido pelo professor quando ensina, que equivale a saber qual o seu methodo pedagogico ou didactico.

Tem importancia capital este objectivo apontado, pois saber qual é a maneira como um professor transmite conhecimentos,

nos revela si o seu ensino é feito de accôrdo com as leis psychologicas do methodo que, por sua vez, reproduzem as do educando.

Muitos pedagogistas teem, porém, procurado definir o que seja methodo, considerando-o como uma arte, e, assim, se diria a arte de fazer comprehender e de fixar e manter a attenção espontanea.

E' por isso que os methodos, actualmente usados, são chamados *methodos activos*. A criança, hoje, tem de observar, precizar e fazer. A posição do mestre é, porém, mais elevada; elle não poderá abusar de seus conhecimentos, mas sim dirigir o educando, de modo que este, por si mesmo, desenvolva e forme a sua individualidade.

Todos sabemos, por exemplo, que a taboada, hoje, deixou de ser aquelle exercicio improductivo da memoria, para ser ensinada por meio de objectos, cubos, tornos, taboinhas; mas é o proprio alumno, guiado, quem a faz e procura os resultados.

Da mesma fórma, hoje não iriamos nós a uma classe de principiautes fazer uma *exposição* sobre o *cubo*, por exemplo, ensinando-lhes que é um solido com 6 faces quadradas, com arestas, quinas etc.

O que fariamos seria, naturalmente, dar ao educando um cubo e uma esphera e fazel-o passar as mãos pelas superficies dos mesmos afim de sentir e notar a differença entre ambos; deixariamos que *rolasse a bola* e que notasse que o *cepo* não rola, mas *escorrega*; deixariamos sentir que as quinas do cepo machucam e que a bola não tem quinas; emfim, pelos sentidos, fariamos com que a criança ficasse conhecendo os dois objectos. Agora, nós lhe dariamos os nomes que ella ignora: isto que Vocês chamam *bola* é uma *esphera*, e o que Vocês chamam *cepo* é um *cubo*.

Não satisfeitos ainda, faremos com que a criança reconheça esses objectos dizendo onde estão a *esphera* e o *cubo*, e para o que mudaremos os mesmos de posição no espaço.

O methodo, pois, é a alma do ensino, é o proprio ensino: — sem elle deixa de existir este.

VALOR DO METHODO NO ENSINO

O valor do methodo no ensino decorre da propria orientação moderna desse ensino.

O professor tem necessidade de conhecer o methodo, para saber applical-o a seus educandos, os quaes, como sabemos, não são todos eguaes.

nos revela si o seu ensino é feito de acôrdo com as leis psychologicas do methodo que, por sua vez, reproduzem as do educando.

Muitos pedagogistas teem, porém, procurado definir o que seja methodo, considerando-o como uma arte, e, assim, se diria a arte de fazer comprehender e de fixar e manter a attenção espontanea.

E' por isso que os methodos, actualmente usados, são chamados *methodos activos*. A criança, hoje, tem de observar, precisar e fazer. A posição do mestre é, porém, mais elevada; elle não poderá abusar de seus conhecimentos, mas sim dirigir o educando, de modo que este, por si mesmo, desenvolva e forme a sua individualidade.

Todos sabemos, por exemplo, que a taboada, hoje, deixou de ser aquelle exercicio improductivo da memoria, para ser ensinada por meio de objectos, cubos, tornos, taboinhas; mas é o proprio alumno, guiado, quem a faz e procura os resultados.

Da mesma fórma, hoje não iriamos nós a uma classe de principiautes fazer uma *exposição* sobre o cubo, por exemplo, ensinando-lhes que é um solido com 6 faces quadradas, com arestas, quinas etc.

O que fariamos seria, naturalmente, dar ao educando um cubo e uma esphera e fazel-o passar as mãos pelas superficies dos mesmos afim de sentir e notar a differença entre ambos; deixariamos que *rolasse a bola* e que notasse que *o cepo não rola*, mas *escorrega*; deixariamos senti-se que as quinas do cepo machucam e que a bola não tem quinas; emfim, pelos sentidos, fariamos com que a criança ficasse conhecendo os dois objectos. Agora, nós lhe dariamos os nomes que ella ignora: isto que Vocês chamam *bola* é uma *esphera*, e o que Vocês chamam *cepo* é um *cubo*.

Não satisfeitos ainda, faremos com que a criança reconheça esses objectos dizendo onde estão a esphera e o cubo, e para o que mudaremos os mesmos de posição no espaço.

O methodo, pois, é a alma do ensino, é o proprio ensino: — sem elle deixa de existir este.

VALOR DO METHODO NO ENSINO

O valor do methodo no ensino decorre da propria orientação moderna desse ensino.

O professor tem necessidade de conhecer o methodo, para saber applical-o a seus educandos, os quaes, como sabemos, não são todos eguaes.

Alem disso o methodo dá vida ao ensino, transforma a apprendizagem trazendo, criando uma nova escola, um outro aspecto etc. O methodo fornece ao mestre os meios de fazer uma classe nova.

Si bem que o methodo tenha este valor que acabamos de vêr, devemos, entretanto, seguil-o como um dogma infallivel para todos os casos. Si o professor não tiver orientação, entusiasmo pela carreira, o methodo de nada valerá; mas, si elle tiver habilidade, aptidão e vontade, o methodo será profiquo fornecendo-lhe os meios de educar seus alumnos á sua semelhança.

Em tudo isto, porém, ha um factor importantissimo, que não podemos perder de vista: — é a personalidade do professor. Professor e methodo são duas entidades que se completam.

Si o professor comparece á escola sem vontade, sem estimulo, apenas para cumprir um dever, não teremos ensino e muito menos methodo; mas, si ao contrario, elle procura conhecer os seus alumnos, acompanhar os progressos da Psychologia e da Pedagogia, estudar o modo como deve ensinar, então teremos um professor consciente e com methodo.

Em face da doutrina exposta, segue-se que o valor do methodo, no ensino, não é absoluto e sim relativo: elle variará conforme a personalidade do mestre. De facto, um professor pode muito bem conhecer um methodo e applical-o a seus educandos, sem procurar conhecer as individualidades destes. O professor terá methodo, mas será um empyrico e cujo ensino será duvidoso conforme a classe.

A obrigação dos professores dignos e conscios de sua missão é estudar o methodo, acompanhar a sua evolução, o seu progresso, para poder applical-o no ensino. Não devemos, porém, olvidar que o methodo não é immutavel; elle variará de individuo para individuo, de classe para classe. E' por isso que já dissemos que o professor, antes de tudo, precisa ser um *artista*, para applicar o methodo aos seus alumnos.

O que se dá em Methodologia relativamente ao methodo, dá-se tambem na Pedagogia — sciencia ou arte da educação. Raramente, para não dizer nunca, encontraremos dois typos de educandos perfeitamente eguaes.

Em resumo: o valor do methodo no ensino é esclarecer o professor sobre o caminho a percorrer e escolher esse caminho para pôr em pratica o ensino.

O methodo obedece a regras e requisitos indispensaveis. Devemos esta descoberta a Descartes, sendo em numero de quatro as regras e os requisitos. Vejamos:

REGRAS DO METHODO

1.^a) — Regra de evidencia: — Não reconhecer como verdadeira cousa alguma que não nos seja evidentemente conhecida como tal.

Nada mais logico e natural. Si uma cousa não é verdadeira á evidencia, aos simples olhos, não devemos no methodo empregar-a como sendo verdadeira. O ensino se tornaria uma hypothese e perderia a base pratica de que necessita e em que assenta.

2.^a) — Regra de analyse: — Dividir cada difficuldade em tantas partes quantas forem possiveis e necessarias para a resolver melhor.

Ao explicar qualquer lição, devemos dividir o assumpto em partes concatenadas. Principiaremos pela primeira, passaremos depois á outra, e assim por deante, até dominar o assumpto todo.

Ora, isto nada mais é do que methodo, aliás proveitoso e gradativo.

3.^a) — Regra da synthese: — Conduzir por ordem nossos pensamentos, começando pelos objectos mais simples e mais fa-
ceis de conhecer, para subir por gráus ao conhecimento dos mais compostos.

Ora, de facto, si no ensino de Geographia, por exemplo, começarmos pela sala de aula, passarmos á rua da Escola, á cidade desta, ás vizinhas, depois estudarmos a Capital, o Estado e o Paiz, teremos o methodo de ir, por gráus, vencendo as difficuldades e alcançaremos o fim desejado.

4.^a) — Regra da ennumeração: — Fazer ennumerações completas e revistas geraes, para nos assegurarmos de que não commettemos omissão alguma.

E' justamente o que os bons professores fazem ao terminar sua aula; passam em revista o assumpto, afim de se certificarem si alguma cousa deixou de ser explicada.

A'ém destas regras a que obedece o methodo, tem elle de satisfazer aos quatro requisitos que se seguem, e que nos são apontados por Descartes como fundamentaes:

1.^o — *Reproduzir o processo intellectual da aquisição de conhecimentos, em todas as suas phases.*

Quer isto dizer que o methodo deve observar o mesmo processo pelo qual adquirimos, naturalmente, conhecimentos. Em primeiro lugar teremos a intuição (sensação, percepção); depois a concepção e a reflexão (juizo, raciocinio) etc. Não devemos, assim, dar lições para serem decoradas pelos alumnos; estes devem ouvir primeiro (sensação auditiva); perceber as

cousas (percepção); associá-las na mente (juízo e raciocínio). Assim exercitarão e desenvolverão as suas tres faculdades.

2.º — *Estar de accordo com a natureza da materia.*

Quer isto dizer que nas sciencias experimentaes, taes como Physica, Chimica, etc., não devemos usar os methodos deductivos e sim os inductivos, porque são estes que nos encaminham para a observação, para a experiencia, para as leis resultantes. Pelo mesmo motivo, nas sciencias demonstrativas como Arithmetica, Geometria, Mechanica, etc., não devemos usar os methodos inductivos e sim os deductivos, porque são estes que nos conduzem á deducção das regras ou leis tiradas das demonstrações.

3.º — *Ser educativo e não apenas instructivo, isto é: não reduzir-se a facilitar a apprendizagem, porém, sim, concorrer para exercitar as aptidões intellectuaes dos alumnos.*

O ensino tem duas faces — a instructiva e a educativa. Não tem razão de ser a distincção estabelecida por Folston. Ensinar é simplesmente um meio tendo por objecto a educação.

Si o ensino é simplesmente um meio, visando um fim — a educação, é claro que o methodo não poderá deixar de corresponder a essa exigencia.

4.º) — *Ser completo.*

Si o methodo não fosse completo, isto é, integral e harmonico, o ensino seria falho, insufficiente, fragmentario. Em vez de aproveitavel seria, enão, improductivo, além de poder acarretar o desenvolvimento de uma só faculdade do educando com prejuizo para as outras.

O valor, em resumo, do methodo de ensino é evidente e resalta do proprio ensino.

Vejamos, agora, quaes são os methodos de ensino.

METHODOS GERAES

Quando ensinamos, ou encaminhamos o espirito da criança partindo do *todo* para as *partes*, ou vice-versa, isto é, das partes para o todo.

Dá-se o phenomeno inverso quando aprendemos, isto é, temos primeiro a impressão de um todo e só depois é que o nosso espirito desce á analyse desse todo — as partes.

Ora, partir de um *todo* para as *partes*, é uma operação por nós já conhecida e que se denomina *analyse*, assim como partir das *partes* para chegar ao *todo*, recomposição das cousas, é outra operação já conhecida que se denomina *synthese*.

Temos, assim, sem mais difficuldades, dois methodos de ensino: o *analytico* e o *synthetico*.

Na analyse e na synthese os processos são o mais simples possiveis. Queremos, por exemplo, ministrar a crianças conhecimentos sobre o relogio; como o faremos?

De accôrdo com o que dissemos, poderemos encarar o relogio inteiro como um todo, e, depois, decompol-o em suas partes — caixa, mostrador, machinismos, accessorios, etc. Faremos assim uma analyse.

Queremos, por exemplo, ensinar aos alumnos o aparelho digestivo? Encaremol-o como um todo, e depois ensinemos cada uma de suas partes — pharynge, esophago, estomago, intestinos, etc., fazendo assim uma analyse.

Queremos, por acaso, explicar o que seja a agua?

Tomemos esse liquido e decompondo-o em seus dois elementos — oxygeno e hydrogeno — faremos sua analyse.

Porém, si, ao envez de assim procedermos, tomassemos, primeiro, as partes do relogio para depois chegarmos ao todo; si estudassemos cada parte do aparelho digestivo para chegarmos ao conjuncto; si tomassemos o oxygeno e o hydrogeno para depois obtermos a agua, o caminho que seguiriamos neste ensino seria o contrario da analyse: teriamos a synthese. Vemos pois, claramente o que seja analyse ou methodo analytico e synthese ou methodo synthetico.

Até certo ponto, porém, nosso espirito se satisfaz com a simples analyse ou synthese, mas de certo ponto em deante, não. Nessas duas operações chegamos a um limite onde nosso espirito procura conhecer as causas e os effeitos, procura investigar; dahi o apparecimento de mais dois methodos de ensino: o inductivo e o deductivo. Exemplificando, tomemos a Arithmetica. Ensinamos ás crianças diferentes operações como: $4-2=2$; $5 \times 2=6$; $8 \div 4=2$; $4+2+10=16$, etc. Depois de aprehendidas estas operações pela analyse ou synthese, nosso espirito não se conforma com esse simples trabalho e procurando investigar as causas e effeitos vai descobrir que ha leis, que ha regras fixas, certas que regulam essas operações. O ensino, pois, poderá tambem partir dessas leis ou regras para chegar ao conhecimento do facto, do todo; ou então, partir do conhecimento dos factos, do objecto todo, dos exemplos, para chegar á lei ou regra que rege esses factos.

No primeiro caso praticaremos uma *deducção* e o methodo usado será o *deductivo*; no segundo, faremos uma *inducção* e o methodo si diz *inductivo*. Exemplifiquemos: «Numa classe em que o professor apresentasse varios animaes, com seus nomes, e fizesse saber que todos possuem *ossos* e que por esse motivo se dizem *vertebrados* (*regra*), qual foi o methodo usado? E' claro que o professor praticou uma *inducção* conduzindo seus alumnos

dos exemplos e casos particulares para uma regra geral: — o methodo foi, pois, inductivo.

Si, ao envez disso, e' e' apresentar primeiro a regra « *Os animaes que teem ossos são vertebrados* », e depois solicitasse os exemplos, praticaria uma *deducção*: — o methodo seria, então, *deductivo*, porque se partiu da regra ou definição geral para os casos e applicações particulares.

Em Arithmetica, por exemplo, si estudassemos primeiro a operação, a conta, para chegarmos á regra de sommar, teriamos uma *inducção*; ao contrario, isto é, si primeiro dermos a regra e depois passarmos a praticar a operação, de accôrdo com a regra, teremos uma *deducção*.

Vemos, pois, que a *inducção* e a *deducção* são processos differentes da *analyse* e da *synthese*. Observando, porém, os dois processos vemos que a *analyse* e a *inducção* se correspondem em factos. Assim, a *analyse* parte do *todo* para as *partes* e a *inducção* parte dos *factos*, dos *objectos*, (*um todo*). Da mesma fórma vemos que a *synthese* se corresponde com a *deducção*. Assim, a *synthese* encaminha-se das *partes* para o *todo*, e a *deducção* parte das *leis*, *regras*, (*partes de um todo*) para alcançar o *objecto*, o *todo*.

A differença que existe entre a *analyse* e a *inducção* é que a primeira se limita a tomar um *objecto* e decompol-o em suas *partes*, sem nada mais indagar; a segunda, porém, vai além, procura, investiga as causas e os *effeitos*, as regras *invariaveis* que presidem as operações. Mais do que claro é que a *inducção* é um processo muito mais complicado do que a *analyse* e que, nella, apparecerá necessariamente esta como processo mental della.

Outrotanto podemos dizer da *synthese* e da *deducção* e, pois, concluiremos esta parte assentando nossa doutrina pela existencia de quatro *methodos* de ensino: *analytico*, *synthetico*, *inductivo* e *deductivo*.

Estes *methodos* se dizem geraes porque se prestam, se applicam de modo geral a todas as disciplinas.

Para finalizarmos consignaremos aqui que não ha accôrdo entre os pedagogistas sobre esta divisão de *methodos*. Basta Dizermos que Daguét — pedagogista belga — admite 9 *methodos*; Braun — alemão, 11; Compayré — francez, 4; D. Alcantara — hispanhol, 1; Smith — inglez, 4, etc.

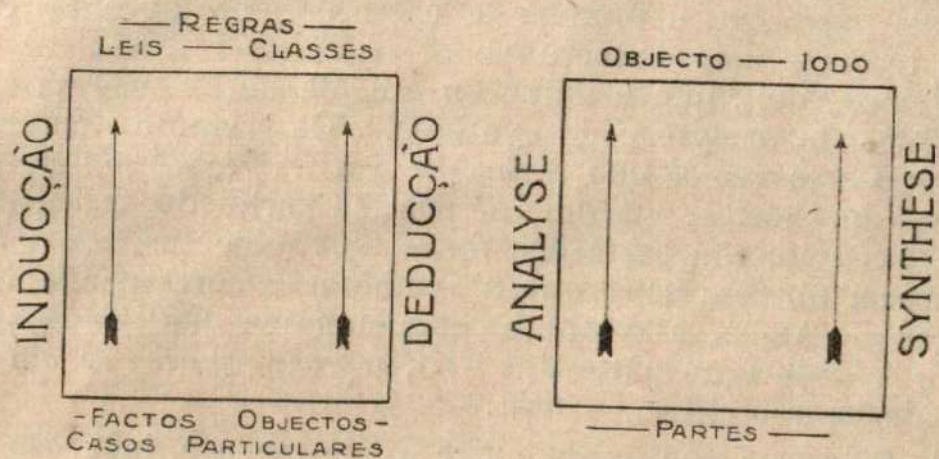
Parece-nos ser Smith quem mais se aproxima da verdade. Elle admite as nossas quatro divisões com pequena variante.

Diz Smith que a *analyse* não corresponde á *inducção*, assim como a *synthese* não corresponde á *deducção* e sim á *inducção*.

Conhecida a explicação por nós expendida facil será agora vêr no seguinte quadro, apresentado pelo illustre pedagogista, de que lado está a razão. Será, tambem, um bom exercicio para os que ainda não comprehendem bem a differença entre estas operações.

Eis o quadro de Smith :

Methodos de Ensino



RAPHAEL CAVALHEIRO.

O ensino obrigatorio

Referindo-se a este assumpto diz o *Município de Itú*, de 14 de Maio ultimo, em suas *Notas e Noticias* :

« A lei que estabeleceu a obrigatoriedade do ensino primario neste municipio é uma lei opportuna. Veiu no momento preciso e adequado ás circumstancias.

Vae renascendo agora a idéa do verdadeiro nacionalismo. Precisamos preparar os nossos cidadãos para os embates do futuro.

E só a instrucção prepara devidamente para as luctas inevitaveis da vida.

A experiencia e os factos o estão demonstrando. Na lucta medonha que ensanguenta a velha Europa, as nações que mais teem brilhado são as que mais se preocuparam com o ensino.

Nas luctas de amanha vencerá quem melhor tiver se preparado para a lucta da concorrência.

Esta vae ser formidavel no seu aspecto industrial, commercial, economico e financeiro.

Precisamos nos preparar para que, após a guerra, a Europa não nos vá encontrar desprevenidos.

E' necessario que todos saibam ler e escrever, fazer suas contas, conhecer a geographia, ter conhecimentos exactos sobre a Historia do Brasil, das riquezas que temos a explorar, dos bens que temos a desfructar.

Façamos da nova geração que vae aprender, uma geração de homens aptos para o trabalho, conscientes dos seus deveres e dos seus direitos e cidadãos confiantes na grandeza e prosperidade que nos estão reservadas, si acompanharmos na vanguarda os povos mais adiantados na marcha triumphante do progresso.

*
* *

O *Estado* (edição da noite) de 28 do mez passado, transcreve na integra, sob a epigrapha *Iniciativa louvavel*, o projecto approvedo pela nossa Camara Municipal sobre o ensino obrigatorio, bem como o officio que a ella dirigiu, nesse sentido, o professor Raul Fonseca.

Por seu turno, o *Correio da Manhã*, importante e auctorizado diario carioca, publica as seguintes opportunas e elogiosas considerações, na sua edição de 50 desse mesmo mez, a respeito do mesmo assumpto:

« O Estado de S. Paulo é incontestavelmente o unico do Brasil em que a instrucção publica é efficazmente diffundida, para todas as suas cidades, ao envez do resto do Paiz, em que sómente as capitaes cuidam da educação popular. E ainda assim, como o fazem!

A prova de quanto estamos affirmando está na obrigatoriedade do ensino que todo o Estado tem procurado adoptar e acaba de fazel-o a cidade de Itú. Figura no projecto approved pela municipalidade daquela cidade um conjuncto de medidas intelligentemente estabelecidas que, bem applicadas, não poderão deixar de produzir os melhores beneficios. A obrigatoriedade attinge a todas as crianças que residem aquem de dois kilometros da cidade, exceptuadas naturalmente as reconhecidas physica e mentalmente incapazes por attestado medico. Ao mesmo tempo serão responsabilizadas as pessoas incumbidas de zelar por ellas, paes e tutores, nos casos em que não as mandarem á escola: Finalmente foi instituida a inspecção medica dos estabelecimentos escolares e dos alumnos, coisa que sómente agora se pretende pôr em pratica na capital do paiz.

Seria bom que semelhantes factos servissem de licção ao resto do Brasil, onde o analphabetismo é sem duvida a barreira mais dura de vencer ao progresso, incapaz de implantar-se onde se não cuida de exterminá-lo.

O analphabetismo, eis o maior dos nossos inimigos, e nunca serão demais os encomios áquelles que fazem por vê-lo desaparecer do territorio brasileiro. »

A nossa Camara recebeu já pedidos de cópias da lei que votou, da Camara de Monte-mór e do director do Grupo de Angatuba, onde se pretende seguir o seu louvavel exemplo. O director do 2.º Grupo Escolar de Taubaté tambem officiou em egual sentido ao professor Raul Fonseca, dizendo que, conjunctamente com os collegas de direcção dos dois Grupos Escolares daquela cidade, vae dirigir uma representação á Camara Municipal no sentido de lá ser tambem votada uma lei sobre a obrigatoriedade do ensino.

Só temos que nos regozijar com isso. Patenteia-se inilludivelmente desses factos, que uma nova aurora de renascimento surge no horizonte de nossa Patria. Já ha quem, desinteressando-se do que só diz respeito a coisas estrangeiras e desapegando-se da adoração fetichica por tudo que se rotula como feitos de terra extranha, volta as suas vistas para as coisas nossas,

adoptando medidas praticas que hão-de forçosamente levar-nos a uma éra nova de prosperidade.

Bem haja, pois, a Camara de Ribeirão Bonito que deu o brado de alarma contra o analfabetismo, merecendo por isso o applauso sincero de todos quantos consagram a este amado Brasil toda a sinceridade do seu amor. O seu exemplo está sendo imitado de uma consoladora maneira e não será de admirar-se, que, dentro em pouco, a unanimidade dos municipios paulistas resolva combater de vez a causa unica e primeira do estado de abatimento em que vivemos. »

E' o seguinte o projecto a que se refere o presente artigo, em tão importante assumpto :

A Camara Municipal de Itú approvou um projecto instituindo o ensino
primario obrigatorio

A IDÉA DO PROFESSOR RAUL FONSECA

Pelo prof. Raul Fonseca, director do Grupo Escolar « Cesario Motta », em Itú, foi dirigido á Camara Municipal daquella cidade o seguinte officio :

« Itú, 11 de Abril de 1916 — Exmos. srs. presidente e vereadores da Camara Municipal — Sabendo que essa illustre corporação cogita actualmente, a exemplo de outras Camaras do Estado, em tornar effectiva neste municipio a obrigatoriedade do ensino primario, tomo a liberdade de suggerir-vos a adopção e, si possivel, a conversação em lei de um projecto que nesse sentido formulei e que a este acompanha.

Não me impelle a esse acto nenhuma suggestão da vaidade e, muito menos, a pretensão de julgar que, sem o meu insignificante concurso, não darieis corpo ás idéas que presentemente vos animam. O meu intuito como professor que sou e, sobretudo, como brasileiro optimista e cheio de fé nos destinos de sua Patria, é concorrer, com parcella minima embora, para que se convertam em realidade todas as iniciativas ou empreendimentos que collimem o desenvolvimento e o progresso da minha terra.

E' cbvio que, submettendo ao vosso julgamento esse projecto, calcado de todo sobre a lei estadual que rege o assumpto, nem de leve me opponho a que o modifiqueis, conforme o julgardes mais conveniente. Apenas vol-o offereço, como modesta contribuição, que, quando outro valor não tenha, ao menos vos alliviará do trabalho de sua confecção.

Attenciosas saudações.

O PROJECTO

a que se refere o officio foi approvado unanimemente tendo-lhe sido introduzidas pequenas modificações, por proposta do vereador dr. João Martins.

Ficou assim, pois, definitivamente redigido :

« A Camara Municipal de Itú :

Considerando que é dever primordial dos governos promover a disseminação da instrucção primaria, para deste modo se reduzir ao minimo possivel o analfabetismo — causa principal de todos os males que affligem o Paiz ;

Considerando que ás Camaras Municipaes, como representantes mais proximas e directas do povo, cumpre secundar efectiva e seriamente os esforços do Governo Estadual nesse sentido ;

Considerando que, além de formar cidadãos independentes, patriotas conscientes e homens aptos para a lucta pela vida, a instrucção eleva ainda o moral de um povo, incute-lhe novas energias e revigora-lhe o character ;

Considerando que ella é um factor preponderante na assimillação dos filhos de estrangeiros, nos quaes infiltrará o espirito de nacionalidade e a idéa de patria, pela unificação da lingua ;

Considerando que, entre os povos que mais se salientam pelo seu progresso, estão exactamente aquelles que menor porcentagem de analfabetos apresentam ;

Considerando, tambem, que para bôa execução e rigoroso cumprimento das leis, é necessaria uma severa, constante e intelligente fiscalização ;

Considerando que, com a criação e provimento de novas escolas municipaes e estaduaes, o serviço de inspecção escolar no municipio cresce e requer, por isso a designação de um funcionario especial que a elle se consagre ;

Considerando, ainda, que ha toda a vantagem em manter um serviço de inspecção medica nas escolas, como o fazem todos os paizes adiantados e já se pratica na capital do Estado com optimos e indiscutíveis resultados ;

Considerando, mais, que é de absoluta conveniencia, não só para melhor aproveitamento dos alumnos de nossas escolas, mas, principalmente, para prevenir ou obstar a degeneração de nossa raça, fazer-se entre as crianças a prophylaxia de todas as molestias evitaveis ;

Considerando, enfim que, para haver uniformidade de vistas, liberdade de acção e facilidade de serviço, se faz mistér enfeixar numa só mão a inspecção escolar tanto pedagogica como medica,

Decreta :

Art. 1.º — É instituído em todo o município o ensino primario obrigatorio, em conformidade com o que dispõe a lei estadual n. 88, de 8 de Setembro de 1892 e o decreto n. 218, de 27 de Novembro de 1893.

Art. 2.º — Excluem-se da obrigatoriedade as crianças :

- a) que residirem distantes da escola publica ou particular mais de 3 kilometros, para meninos e um kilometro para meninas;
- b) que revelarem incapacidade physica ou intellectnal, comprovada por attestado medico.

Art. 3.º — Os paes, tutores, curadores ou patrões são obrigados a apresentar seus filhos, tutelados, curatellados ou empregados á matricula nos grupos escolares, nas escolas isoladas ou nas particulares, segundo a propria conveniencia.

Art. 4.º — Trinta dias após a abertura das aulas dos grupos escolares, escolas isoladas ou particulares, si os responsaveis pelas crianças em idade escolar não provarem que ellas frequentam escolas, serão ellas matriculadas ex-officio nas escolas publicas.

Art. 5.º — Feita a matricula ex-officio, desse acto serão avisados os paes, tutores, curadores ou patrões.

Paragrapho 1.º — Si, depois de avisados, não as enviarem á escola em que forem matriculadas ex-officio, incorrerão na multa de 10\$000 a 50\$000.

Paragrapho 2.º — Em igual multa incorrerão ;

- a) si derem informações inexactas ;
- b) si se recusarem a prestar informações ;
- c) si, préviamente avisados das matriculas ex-officio, não apresentarem motivo justo de excusa ou não provarem que cuidam da educação das crianças sob sua responsabilidade ;
- d) se as crianças matriculadas faltarem á escola por espaço de 15 dias consecutivos, sem causa justificada, competindo aos professores a apreciação do relevamento ou não dessas faltas, com recurso para a auctoridade escolar.

Art. 6.º — Os professores, verificadas as 15 faltas consecutivas dadas pelo alumno, levarão esse facto ao conhecimento do inspector escolar, incorrendo na multa de dez mil réis, duplicada na reincidencia, quando deixarem de cumprir esta disposição.

Art. 7.º — As multas serão impostas pela Camara de accordo com o artigo 53 da lei n. 88 de 8 de Setembro de 1892.

Art. 8.º — Fica expressamente prohibido ás crianças menores de doze annos o trabalho nas fabricas, officinas ou casas commerciaes, durante o tempo e as horas regulamentares das aulas.

Art. 9.º — As maiores de doze annos e menores de treze-seis, comprovadamente analfabetas, que trabalharem nessas fabricas, officinas ou casas commerciaes, serão obrigadas a frequentar as escolas nocturnas, incorrendo os responsaveis pela sua educação nas mesmas pelas estabelecidas no artigo 5.º, paragrapho 1.º.

Art. 10 — Para completa efficiencia da presente lei a Camara obriga-se a :

a) annualmente mandar levantar a estatistica da população escolar do municipio ;

b) criar escolas municipaes nos bairros, cujo crescimento da população o exija ;

c) promover junto ao Governo, a criação e o provimento de escolas em todo o municipio.

Art. 11 — Fica supprimido o cargo de medico da policia, cujas attribuições passam a ser exercidas pelo inspector medico escolar.

Paragrapho unico — Os seus vencimentos são os mesmos anteriormente percebidos pelo medico da policia e mais a gratificação mensal de 50\$000.

Art. 12 — Ao inspector medico escolar, além da inspeção e fiscalização do ensino, incumbe :

a) vaccinar ou revaccinar o pessoal das escolas ;

b) fazer a prophylaxia das molestias transmissiveis ;

c) fornecer aos alumnos pobres os medicamentos apropriados a essas molestias, requisitando-os do Laboratorio Pharmaceutico do Estado ;

d) proceder, quando necessario, ao exame individual dos professores, alumnos e empregados das escolas ;

e) dar parecer sobre as condições hygienicas dos predios escolares, bem como sobre a disposição das carteiras, distribuição de luz, collocação e posição dos alumnos ;

f) apresentar annualmente ao prefeito municipal um relatório pormenorizado de todo o serviço feito, mencionando todas as occurrencias dignas de registo.

Art. 13 — Ficam fazendo parte integrante desta lei, com as modificações feitas, a lei n. 88, de 8 de Setembro de 1892 e o decreto n. 218, de 27 de Novembro de 1893, em tudo quanto for applicavel.

Art. 14 — Esta lei entrará em vigor desde a data de sua publicação.

Art. 15 — Revogam-se as disposições em contrario.

PEDAGOGIA PRÁTICA

DISCIPLINA ESCOLAR

II

Problema dos mais complexos na obra magna da Educação Nacional é, sem duvida alguma, o meio pratico de conseguirse uma bôa e consciante disciplina escolar.

Jules Payot, nos seus conselhos admiraveis, dirigidos aos PROFESSORES E ÀS PROFESSORAS de todos os paizes, desenvolve satisfactoriamente, superiormente, a questão formidavel de que tratamos, sem a qual não pôde haver jámais progresso algum no mechanismo do Ensino, neutralizando, de uma fôrma desoladora, o esforço e a perseverança do Mestre.

Aos meus collegas, que ainda não tiveram o supremo goso inrelectual de saborear leitura tão amena, recebendo, ao mesmo tempo, ensinamentos tão valiosos, eu aconselho, paternalmente a leitura meditada, demorada, calma, repetida, diaria, desse livrinho estupendo e consolador, que o alto espirito de Payot tiver a bondade infinita de offerecer-nos...

Nós, directores, luctamos ás vezes com sérias difficuldades no desempenho justo da nossa missão, encontrando má vontade e symptomas de indisciplina da parte daquelles que deviam ser os primeiros, no estabelecimento, a dar o exemplo vivo do respeito e obediencia ás leis estabelecidas.

E' por isso que, julgando prestar algum serviço aos meus collegas de direcção, lhes offereço o summario incolor, que me serviu de base para a PRIMEIRA PALESTRA PEDAGOGICA deste anno :

SUMMARIO : — DISCIPLINA DO CORPO DOCENTE COMO UNICO MEIO DE SE PODER EXIGIR A DISCIPLINA DOS ALUMNOS.

O professor consciante dos seus deveres :

- a) *sabe acatar* as ordens do seu superior hierarchico ;
- b) *não transgride* as bôas nórmas de cortezia para com o mesmo, para com os collegas ou para com os alumnos ;
- c) *não fuma* á vista dos seus discipulos, nem tão pouco no interior do estabelecimento em que trabalha — na classe ou no corredor ;

- d) *não grita*, porque sabe que é um meio anti-pedagógico de conseguir disciplina;
- e) *procura impôr* a disciplina em sua classe, com critério e elevação de vistas;
- f) *segue o horario* com dedicação e firmeza, como o unico meio seguro de obter resultados satisfactorios no ensino;
- g) *obedece* aos signaes estabelecidos para silencio e formatura das classes;
- h) *comparece* pontualmente á hora designada pelo Director mórmente quando tenha a seu cargo a fiscalização dos alumnos no pateo do recreio;
- i) *estuda* para poder adoptar, com vantagem, os methodos indicados pelo Director;
- j) *não toca* em alumnos, para que não surjam reclamações contra si, e tambem por não ser esta a nórma recommendada pela pedagogia moderna;
- k) *ensina* todas as materias do programma com o mesmo interesse e dedicação;
- l) *observa* constantemente os seus discipulos, para que não adquiram vicios, condemnados pela educação, pela hygiene ou pela pedagogia científica;
- m) *não abandona* a sua classe, para palestrar com collegas ou quaesquer pessoas, sem que solicite, previamente, a necessaria auctorização do Director do estabelecimento;
- n) *fica satisfeito* com a classe que lhe é designada, porquanto se reconhece apto para regel-a com segurança;
- o) *não falta* porque sabe que as faltas prejudicam o desenvolvimento da classe e constituem maus exemplos aos seus discipulos.

OSCAR LEME BRISOLLA.

PALESTRAS PEDAGOGICAS

Quando a Directoria Geral do Ensino instituiu nos grupos escolares as palestras pedagogicas, foi seu principal intuito estimular o corpo docente de cada grupo a estudar os diversos problemas de methodologia, afim de os resolver praticamente, orientando o nosso trabalho escolar para uma uniformidade, de que resultasse um verdadeiro systema de ensino primario paulista.

Tal intuito, infelizmente, não foi bem comprehendida, e, por isso, não se pôde ainda tirar todo o proveito pratico que era esperar das referidas palestras.

Comquanto muitos professores se esforçassem com sinceridade e dedicação para orientar os seus collegas, seu trabalho resultava, todavia, improductivo, em vista da pouca importancia que aos assumptos orientados para discussão davam os collegas.

Alguma coisa, embora isoladamente, já se vai, entretanto, fazendo, com certo interesse.

Um bom exemplo já se nos depara no grupo escolar de Atibaia, actualmente dirigido por um esforçado professor, que, com a sua dedicação e competencia, vai pouco a pouco transformando a orientação administrativa e technica deste estabelecimento de ensino, do modo o mais promissor.

E' disso uma prova a acta, que abaixo transcrevemos, da 1.^a palestra pedagogica que alli se realizou sob a sua direcção.

Oxalá, seja o seu exemplo seguido pelos directores dos demais grupos escolares do Estado, afim de que se possa inaugurar uma nova phase de progresso para o nosso ensino publico.

Cópia da acta da 1.^a reunião dos professores deste grupo, para tratar-se de assumpto pedagogico.

Aos 30 dias do mez de Março de 1916, ás 14 horas e 30 minutos, na sala n. 5 do 4.^o anno feminino, reunidos todos os professores e substitutos effectivos deste grupo, e mais o sr. professor José Virgilio Nascimento, que visitava, nessa hora, o estabelecimento, faltando apenas a professora d. Albertina Ramalhal, que estava licenciada; para o fim de tratar-se, em palestras pedagogicas, do II capitulo de White que se subordina ao titulo de « Fins do ensino », préviamente marcado, iniciei, os trabalhos dizendo, como preliminar, que as palestras pedagogicas, nos grupos, não deveriam ser tomadas com a impressão de grandes solennidades que, erroneamente, se lhes quer dar e que deviamos palestrar *familiarmente*, como si estivessemos reunidos em qualquer sala de visitas, isto em beneficio do ensino. Pedi novamente o esforço dos distinctos collegas, em relação ás palestras.

Pouco animada, porém, estive a 1.^a reunião, porque nas diversas discussões sobre o assumpto, apenas tomavam parte os senhores professores d.d. Maria José Maia, Maria do Carmo Barbosa, Domingos Matheus e Gabriel da Silva, vendo-me por isso obrigado a expôr e commentar as questões mais importantes aos senhores professores que mostravam ignorar o assumpto, tacitamente, por motivos justos ou não, porém sempre lamentaveis. Entretanto, concordou-se com White, o grande mestre, nos seguintes pontos commentados: a) que, no ensino, a questão capital é a do fim a attingir-se, o qual deve ser claro e instructivo,

porque sem alvo não ha direcção, e sem direcção não ha trajectoria certa; *b*) que não bastam só o esforço e habilidade do professor, porque o êxito está na razão directa do descortino do fim a attingir-se; *c*) que o andar devagar é bom preceito pedagogico, desde que os passos dados sejam seguros, tendo por isso o professor a necessidade de verificar si as lições anteriores são consideradas sabidas, donde resulta, dentre outros meios a empregar-se, a necessidade imperiosa de habeis perguntas e recapitulações, pois é um erro pedagogico pensar que basta ensinar uma só vez uma lição; *d*) que o professor deve ser claro nas lições, e que estas devem ser bem concatenadas, procurando sempre associar idéas, donde resulta tambem outra necessidade imperiosa: a do preparo prévio de uma lição a dar-se; *e*) que si o professor não colhe resultado do seu trabalho, é porque o fim collimado por elle é improductivo; *f*) que sem bom fim a attringir-se, um bom plano e um bom methodo são infructiferos; *g*) que a experiencia de novos methodos a pôr-se em pratica deve merecer o maximo cuidado, porquanto um máu methodo, na mão de um habil professor, póde dar os melhores resultados, induzindo-nos ao grave erro de acreditarmos ser o mesmo um bom methodo e vice-versa; *h*) que, nos grupos, discordando-se de White, não se deve adoptar o conceito do esclarecido mestre, quando diz, á pagina 50, « que o mestre deve procurar e usar os methodos que são os melhores *para elle* », porque isso num estabelecimento perturbaria a uniformidade do ensino, o que, no entretanto, póde, quiçá, surtir óptimos resultados nas escolas isoladas; *i*) que, sendo, como é o primeiro fim da escola primaria, treinar, por meio das disciplinas, as diversas qualidades do espirito da criança, desenvolvendo-as harmonicamente, o professor não deverá fazer grande questão da quantidade daquillo que a mesma aprende. O que importa é que o pouco seja perfeitamente assimilado. D'ahi, vem a necessidade de haver rigoroso prepraio da lição, préviamente, pelo mestre, em relação á dosagem e qualidade da mesma. Pois que si não se ministrar o *saber necessario* não terão as crianças a capacidade de aprender e não gosarão do *saber util*; *j*) que o ensino deve obedecer a uma ordem logica, isto é, ser methodico e gradativo; *k*) que é da base, isto é, de nós, professores primarios que depende, em grande parte, o progresso do educando, nos cursos superiores; *l*) que aquillo que as crianças decorarem o façam conscientemente, cumprindo-nos o dever de ensinal-as a raciocinar e que, por isso, o ensino deve ser objectivo e deductivo; *m*) que não basta saber, é preciso exprimir o que se sabe, surgindo dahi, como bom auxiliar, o cultivo continuo da linguagem oral, as respostas por

meio de sentenças completas; *n*) que dado o conhecimento, deve, sempre que fôr possível, ser dada a sua applicação, para fortalecer a intelligencia do alumno; appreciou-se a bella sentença de White: « Era fraqueza da escola antiga não exercitar os alumnos a exprimirem claramente as suas idéas »; *o*) que a comprehensão, a assimillação, e a expressão devem ser consideradas como elementos cohesos e indispensaveis no ensino; *p*) que se deve exigir do alumno, não só a habilidade como também a precisão e presteza nos exercicios; *q*) frisou-se o principio do grande pedagogo, quando disse que « a instrucção não pôde ser ministrada por um mestre ignorante » e que « quanto mais um mestre conhece um assumpto, melhor o ensina a seus alumnos ». Concluiu-se dessas duras verdades que o mestre já-mais póderá dormir sobre os louros conquistados, devendo tratar sempre de instruir-se para aperfeiçoar-se mais ainda. Nada mais havendo a tratar, foi desfeita a reunião ás 16 horas, layrando eu, Francisco Alves Mourão, director em commissão, a presente acta, que assigno com os demais professores deste grupo.

GREMIO NORMALISTA « 22 DE MARÇO »

CONFERENCIA REALIZADA PELO SR. DR. CARLOS DA SILVEIRA, LENTE DA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS.

Publicamos hoje a conferencia que, sobre a data anniversaria do descobrimento do Brasil, realizou, na sessão civica promovida pelo Gremio Normalista « Vinte e Dois de Março », o sr. dr. Carlos da Silveira, lente da Escola Normal de São Carlos.

Eil-a :

« Minhas sras. e meus srs.

E' uma lei sociologica que as collectividades humanas, assim como os individuos, nascem, teem o seu periodo de crescimento, attingem a idade madura e entram pela decrepitude até que se extinguem : dando-se toda esta evolução num lapso de tempo variavel para cada sociedade e que se não pôde ainda determinar, em vista dos numerosos e complexos phenomenos, cuja observancia é necessaria para a difficilima inducção dos principios que regem a vida dos agrupamentos humanos.

No seu desenvolvimento as sociedades teem a marcha geral francamente predeterminada pelas condições mesologicas, estando por isso sujeitas ao que poderíamos chamar, em boa linguagem scientifica, o fatalismo geographico, facto affirmado e esclarecido abundantemente por Edmund Demolins, no seu livro « Como a rota cria o typo social », onde o auctor chega mesmo a dizer : « ...si a historia da humanidade recommençar, sem que a superficie do globo tenha sido transformada, tal historia repetir-se-á nas suas grandes linhas. « Modificae as rotas trilhadas por um povo através dos seculos e modificareis desde logo o typo social, e obtereis uma outra raça.

Manifestação dessa fatalidade geographica é o facto verificado e que conheceis pelos vossos estudos, por certo, o de, sempre que as populações de uma região qualquer não podem, por causas varias, desenvolver-se num determinado sentido, expandirem-se de outro lado, atirando-se mesmo ás arriscadas aventuras do mar ou ás rudes travessias do deserto, em busca de novas condições que a vida lhes torne mais amena.

É este o phenomeno *expansionista* de que a Historia nos aponta numerosos exemplos, quando narra migrações de povos em todos os tempos.

Na antiguidade, o exemplo da Phenicia é classico ; uma estreita faixa de terra de 250 kms. de comprimento por 50 kms. de largo : de um lado a Palestina e a cadeia do Libano, por onde não havia saída, — de outro lado, o mar. Esta situação geographica determinou o espirito commercial, instavel, dos phenicios, e as consequentes e innumeradas fundações que estabeleceram, por toda a zona mediterranea, um pouco tambem pelo Atlantico e quiçá pelo Baltico.

Na idade-média vemos o mesmo facto, entre outros, com os escandinavios ou normandos, cujas expedições attingiram a Inglaterra, a França, a Russia, a longinqua Islandia e a remota Groenlandia com excursos até pela costa septentrional da America.

Mesmo nos nossos dias vemos o movimento de expansão na peninsula italica, com as massas emigratorias de todos os annos e com a recentissima conquista da Tripolitania e da Cyrenaica ; o do imperio dos crysánthemos relativamente á China e á Russia ; o dos Estados-Unidos, com o Mexico e as colonias hispanholas ; o do germanismo nos Estados do sul do Brazil : emfim, observamos o expansionismo dos Estados super-povoados relativamente aos paizes fracos e possuidores de grande territorio.

É natural esse phenomeno. A população cresce, a terra falta ; a vida torna-se assás difficil por se verificar a lei do inglês Thomaz Roberto Malthus : « ao passo que as populações crescem numa progressão geometrica, os meios de subsistencia crescem apenas numa progressão arithmetica ». Dahi o desequilibrio. A guerra aos povos vizinhos seria o recurso magnifico, sempre que as populações ahi fossem mais fracas. Com que desembaraço a grande republica americana se apoderou dos Estados mexicanos e a Alemanha do Slesvig Holstein, para só citar estes dois casos !

A incerteza, porém, da victoria, ou antes a certeza da derrota, indicam apenas um caminho : a conquista ao longe, mesmo através de grandes perigos. Os notaveis deslocamentos, conhecidos pelo nome de *invasões dos barbaros*, comprovam o asêrto assim como os cyclos dos descobrimentos maritimos.

O dilemma é cruel : ou o anniquillamento ou a aventura. A natureza humana opta sempre contra o perecer.

Portugal estava fadado para as aventuras oceanicas, pelas proprias leis que acabamos de mencionar. Estreita faixa de 558 kms. no seu maior comprimento e 220 na máxima largura ;

de norte a sul uma distancia regulando a de São Paulo a Rio Preto e de leste a oeste o espaço como o que medeia entre São Carlos e um ponto pouco além de Bebedouro; tinha o Reino Lusitano a norte e leste o inimigo de sempre — a Hispanha, e ao sul e oeste — o mar. Na alternativa que a sorte lhe propunha, Portugal reproduzia o caso da Phenicia.

Chegando o momento inevitavel, não podendo haver conquista a norte e leste e, além disso, existindo a excitação causada pelo mar enigmatico, a politica portugueza orientou se naturalmente pela divisa *rumo ou mar*, a qual exprimia a necessidade de um povo e não uma facécia do genero das que estamos acostumados a ouvir

Iniciou-se por tal modo o cyclo das grandes descobertas, de que o caminho maritimo das Indias e a prêsa do territorio do Brasil foram os dois marcos milliários.

Não foi, porém, a necessidade de expansão a causa unica tendente a impellir os portuguezes para o mar. Outros factores intervieram concorrendo para o mesmo effeito, e que poderemos denominar *causas historicas*. Procurarei indicar estes motivos no decorrer da minha despretençiosa palestra.

A monarchia portugueza esboça-se em 1114 com o advento de Affonso Henriques, o qual, entrando em lucta com sua progenitora (1128) e com os mahometanos (1146) —, toma depois o titulo de *rei* e funda o governo lusitano sobre os destroços de guerras terriveis e sem conta.

Os successores de Affonso Henriques seguem-lhe as pégadas na pilhagem aos castellos dos mouros e nas malquerenças com os hispanhóes, pelos quaes sempre houve uma profunda aversão. Eliseu Réclus, na sua *Geographia*, refere o adagio castelhanao, usado ainda em éra muito recente e que é caracteristico dessa perduravel animosidade: « *Portugueses, pocos y locos* »; o mesmo auctor affirma ter lido, nas taboletas de varias estalagens da fronteira luso-hispanhola, a inscripção « *Ao mataçor de castelhanos* »! — distico que demonstra á sociedade a maneira como Portugal retribuia aquella gentileza.

D. João I, fundador da dynastia de Aviz, « a mais gloriosa de Portugal », lida rudemente com os de Castella com a « mauritania gente » e a esta apprehende Ceuta, em 1415.

Estava lançada a pedra fundamental da expansão maritima dos lusos, tres seculos apenas após a subida ao throno do primeiro monarcha portuguez.

O Infante D. Henrique, nascido no Porto a 4 de março de 1394, terceiro filho do mestre de Aviz, funda a Escola de Sagres em 1412, ou um pouco mais tarde.

E' desta Escola que Portugal tira a sua grandeza nautica. O Infante, figura principal deste periodo, era dotado de grande actividade, illustrado, dedicando-se ao estudo da astronomia, cercado-se de auxiliares competentes em materia de navegação, como, por exemplo, o afamado mestre Jácome; tinha além disto, por ser duque de Beja, senhor de Viseu e Grão-Mestre da Ordem de Christo, a posse de riquezas muito consideraveis e empregava-se e ás suas riquezas quasi exclusivamente em fomentar os progressos navaes e em promover a descoberta de novas terras, com o fito commercial, está visto, porém, com o pretexto de « abrir novos horizontes á civilização christã ».

D. Henrique, cognominado o *Navegador*, cumpriu o que promettera ao adoptar a célebre divisa « TALANTE DE BEM FAZER »; foi elle o coordenador das tendencias portuguezas de exploração commercial dalém mar, tendencias ao redor das quaes gira de ora em diante a politica do reino lusitano e, com tal sorte, que Portugal chegou a constituir, em breves annos um vastissimo imperio colonial, o maior que até então houvera.

O *cabo Não* era o limite das viagens maritimas dos antigos. Os portuguezes de D. Henrique vão até ao *cabo Bojador*. Em 1418 João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira descobrem a *ilha da Madeira*.

O anno de 1433 assiste á empresa de Gil Eannes dobrando o cabo Bojador e, em 1454, o mesmo Gil Eannes, junctamente com Affonso Gonçalves Baldaya, desembarca além desse cabo e, no anno seguinte, prendem alli alguns escravos que levam para o reino.

Em 1441 Nuno Tristão chega até ao *cabo Branco*, onde prendem diversos negros e, dois annos depois, Antonio Gonçalves descobre o *Rio do Ouro*. Já em 1441 os habitantes de Lagos armam 6 caravellas, as quaes exploram a *ilha das Garças*, prendem centenas de negros, levando-os a vender no reino.

Diniz Fernandes, por volta de 1446 revela a existencia do *cabo Verde* e, em 1.º de Maio de 1461, Antonio de Nolle, com um sobrinho, Rafael e um irmão, Bartholomeu, avistaram as *ilhas do Cabo Verde*.

De 1431 a 1444 Gonçalo Velho Cabral descobre o *grupo dos Açores*, completamente desvendado mais tarde, por diversos.

Em 1471 Fernão Gonçalves descobre o *Resgate do Ouro da Mina* e, por volta de 1482, D. João II envia Diogo de Azam-

buja para construir uma fortaleza que se chamou *São Jorge da Mina*.

Diogo Cão, dois annos mais tarde, collocou um padrão na foz do *Rio Zaïre ou Congo*.

Bartholomeu Dias, expedicionario de 1486 a 1487, dá com o *cabo da Bôa-Esperança*, nome pelo qual D. João II baptizou o *cabo das Tormentas*, de Bartholomeu. Este *cabo Tormentario*, bem o sabeis, é aquelle em que Luiz de Camões colloca o prophético gigante Adamastor, figura que permittiu ao poeta um dos mais empolgantes cantos dos *Lusiadas*.

Como vêdes, é uma successão ininterrompida de viagens ariscadas e de brilhantes descobertas que começavam a aggravar no pequeno povo a sêde de riquezas e de despertar o sonho grandioso da dominação do mundo, sonho que se desvaneceria dentro em pouco.

Inaugura-se no decorrer do seculo XV e tende a augmentar com os feitos posteriores o parasitismo de Portugal sobre as colonias, regimen facil e commodo para satisfazer ambições desmensuradas, mas systema que sob uma apparencia faustosa trazia em si o germen da lethalidade.

Continuaram as viagens. O monarcha, desejoso de travar conhecimento com o *Preste João*, de quem tivera noticia, envia a isso Affonso de Paiva e Pero da Covilhã. Visitam os embaixadores a Arabia, a India, o Egypto, onde Paiva dá a alma ao Criador. O outro consegue chegar á Abyssinia e alli o mysterioso *Negus* ou *Preste João* o recebe com muitos agrados; todavia, Covilhã ficou retirado pelo resto da vida na côrte daquelle monarcha africano.

E' a vez do descobrimento da America; façamos, porém, um parenthese, e vejamos algumas noticias de viagens que precederam á do navegante genovez.

Refere o Padre Galanti, em cuja «*Historia do Brasil*» bebemos numerosas informações aqui contidas, como apócrifas, a viagem de um tal Martinho Behaim, de Nuremberg, o qual, por 1460 teria descoberto a ilha do Fayal e explorado toda a costa da America do Sul até o Estreito de Magalhães, tendo, na volta á Europa via Lisbôa, recebido honrarias de D. João II.

Entretanto, tal historiador admite, baseado em fontes seguras, que algumas partes da America do Norte já tivessem sido descobertas bem antes de 1452; é assim que, pelo anno de 986, os noruegos installam-se na Islandia e na Groelandia, onde se estabelece Erico, o Ruivo, Bjarne (986), arrastado por um temporal, vai dar á costa da zona que hoje se chama Nova In-

glaterra, da qual, no anno 1000, Leif, filho de Erico se asse-
nhorêa, baptizando-a com o nome de *Vinlandia*.

Acceita-se que os islandezes hajam feito excursões á costa
oriental da America, e tambem que, em 1390, os venezianos
Nicoláu e Marcos Zeni tenham reconhecido alguns trechos do
Novo-Mundo.

Chega, pois, a hora de Colombo, o qual, levado pelos es-
tudos que tinha e pelo conhecimento talvez das viagens prece-
dentes, convencido por certo da redondeza da Terra, acreditava
encontrar uma ilha ou mesmo um continente, a leste, além das
columnas de Hercules, no Atlantico, terra que alguns identifi-
cam com a mysteriosa Atlântida a que parece se referirem, en-
tre outros, Platão e Diodoro Siculo.

E' sabido que Christovam Colombo saiu de Palos a 3 de
Agosto de 1492, regressando á Hispanha em Março de 1493.

Agora surge no scenario da Historia a figura de Vasco da
Gama a realizar o seu feito de contornar a Africa e attingir as
tão ambicionadas Indias. Reina em Portugal D. Manuel I, ele-
vado ao throno desde 1495. E' em 8 de Julho de 1497 que
sai o Gama de Lisboa, facto que o vate descreve no seu poema,
da maneira que segue :

« abrimos
As azas ao seguro e socegado
Vento e do porto amado nos partimos;
E como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos
Dizendo "Boa Viagem"; logo o vento
Nos troncos fez o usado movimento».

"E, voltando, a 29 de Agosto de 1499:

«Entraram pela foz do Tejo ameno,
E a sua patria e rei temido e amado
O premio e gloria dão, porque mandou
E com titulos novos se illustrou».

De facto, D. Manoel, á vista do feliz resultado da empresa,
tomou o titulo de «Senhor de Navegação, da Conquista e do
Commercio da Ethiópia, da Arabia, da Persia e da India».

Estamos no derradeiro anno do século XV e em pleno rei-
nado d'el-rei, o Venturoso. Como vistes, estavam os lusos
com quasi vinte lustros de experiencia na arte de navegar, por
fôrça das viagens todas que vimos ennumerando, e sabedores

bastante em coisas marítimas pelas expedições próprias e alheias. O mysterioso Atlantico, que por tantos e tantos séculos fôra a tenebrosa incognita, já quasi segredos lhes não tinha a elles, os marujos portuguezes, pelas quilhas de cujas náus era recortado em travessias diuturnas.

A' fatalidade geographica que impellia Portugal para o oceano vem juntar-se agora essa longa pratica de viagens «por mares nunca dantes navegados»: é o aguçar do espirito commercial portuguez, cuja origem vamos encontrar muito longe, ainda no tempo das conquistas phenicias.

A cubiça das riquezas provaveis e o gôsto pelo mar e o amor das honrarias com que eram galardoados os trabalhos dos navegantes, excitava o desejo intenso das aventuras longinquoas e exacerbava o instincto da conquista e da pilhagem já radicado na gente portugueza.

Vasco da Gama, ao voltar da India, é recebido pelo rei com grande honra, põe no seu escudo uma peça das armas reaes, é agraciado com o titudo de *Dom*, de conde da Vidigueira e de Almirante dos mares da India e ainda recebe a renda de 500\$000 annuaes e outros privilegios de grande alcance.

Torna-se indispensavel assegurar o commercio da India, magnifico celeiro cuja exploração far-se-á sob o pretexto de propagar naquellas bandas a crença no Christo. Para isso D. Manuel manda preparar uma grande armada de 10 náus de guerra, um navio redondo e algumas outras embarcações mercantes e 1.200 homens de desembarque; vinham ao todo 1.500 pessoas de guarnição. «A frota, diz João Ribeiro, era magestosa e de maior lote que as anteriores. A de Vasco da Gama, tres vezes menor, fôra de 4 navios. Já não eram os pequenos *barineis* do tempo do Infante D. Henrique, mas náus providas de artilharia, arvoradas de 3 mastros e com os seus astrolábios e rosas-do-vento.»

Para commandante da frota (Vasco da Gama indica a el-rei o seu parente e amigo, o fidalgo Pedro Alvares (melhor ainda Pedralvares) Cabral, conde e governador da Beira, senhor de Belmonte e alcaide-mór de Santarém, o qual levava a missão de continuar a conquista do Oriente, por bem ou por mal, isto é, quer se sujeitassem os naturaes, quer não, caso este em que se lhes devia mover guerra de exterminio.

Os companheiros de Cabral eram todos, ou quasi todos, mui versados em artes nauticas; é assim que encontramos alli os nomes de Sancho de Thoar, immediato da chefia da armada, e, na direcção de cada navio, Nicolau Coelho, Bartholomeu e

Diogo Dias, Simão de Miranda Azevedo, Braz Mattoso ou Ayres Gomes da Silva, Simão de Pina, Nuno Leitão, Pedro e Vasco de Athayde, Luiz Pires, André Gonçalves ou Gaspar de Lemos (commandante do navio de mantimentos). São estes os nomes mais apontados.

Nicoláu Coelho acompanhára Vasco da Gama á India, e o experiente Bartholomeu Dias, que fôra o descobridor do cabo da Bôa-Esperança, será tragado pelas ondas naquellas alturas, quando, após a descoberta da terra dos brazis, a armada de Cabral tomar rumo do Oriente ambicionado.

No dia 8 de Março de 1500, com grande solemnidade, D. Manuel, acompanhado da sua côrte, assiste missa na ermida de Belém, sendo o acto celebrado por D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, o qual prégou sermão a respeito dos descobrimentos anteriores. Fimda a cerimonia, benzida a bandeira da Ordem de Christo, el-rei passa-a a Cabral, que devia conduzir, na armada, o venerando estandarte.

Segue depois imponente procissão até o cáes, onde Cabral e outros chefes beijam a mão ao monarcha, por despedida, enquanto os canhões da frota salvam em signal de enthusiasmo. Numeroso povo assiste ao embarque, em quantidade até aquelle acto nunca vista.

Embarcaram tambem varios frades, entre os quaes 8 missionarios capuchinhos, 8 capellães e um vigario destinado a Kalikôdu, o Calicut portuguez.

Posto que o embarque fosse a 8, só no dia 9 saíram os navios do Tejo, por causa dos ventos. Passou a expedição pelas Canarias a 14 e, a 22, pelo archipelago de Cabo-Verde, onde, em frente á ilha de São-Nicoláu, desgarrou a náu de Vasco de Athayde, a qual chegou á Lisboa avariada.

Vasco da Gama havia aconselhado ao parente e amigo, que velejasse para oeste das costas africanas, por lhe parecer melhor descer todo o Atlantico, sempre ao largo, até a latitude do Cabo da Bôa Esperança, para então dobrá-lo e demandar os mares orientaes.

Cabral assim o fez e, alongando-se demasiado da costa africana, aos 21 de Abril teve indicios de terra proxima, pela presença de sargaços e plantas marinhas.

Admittem alguns historiadores que Pedralvares, pelas instrucções recebidas, havia procurado afastar-se da costa de Africa, para evitar suas calmas morosas e doentias e que as correntes oceanicas, não conhecidas ainda, levaram-no além do que

desejára. Acho esta versão muito ingenua, como veremos adiante.

No dia 21 de Abril de 1500, pois, uma terça-feira da semana que se segue á semana santa, passaros, hervas, páus fluctuantes mostraram proximidade de terra. A 22, quarta-feira, avista-se a linha negra das costas e um monte de fórma redonda a que se deu o nome de "Monte Paschoal" (é o cume mais elevado da serra dos Aymorés, no sul do actual Estado da Bahia).

Cabral manda reunir os seus navios, lança ferro a 6 leguas da praia e, por se julgarem em uma ilha, dão a esta, por attenção á fé christã, o nome do «Ilha de Vera Cruz», trocado depois pelo de «Ilha da Cruz» e ainda por «Ilha de Santa Cruz». Verificado posteriormente o engano, á conquista se chamou «Terra de Santa Cruz». Estes nomes desapareceram logo ao tempo da primeira parasitagem (alguns dizem imprópriamente colonização), sendo substituído pelo actual, em virtude, como é notório, da abundancia de uma espécie de madeira vermelha empregada em tinturaria e já conhecida na Europa desde muitos seculos. O nome *Brasil* tambem já era conhecido na Europa, de longa data.

Apesar da vetustez do nome, nós ainda não sabemos graphá-lo, dando-se aqui o facto notavel de sermos o unico povo civilizado que ainda não sabe escrever o nome de seu paiz. Nas moedas, nos documentos, nos jornaes, nos livros, por toda a parte ha essa exquiritice da graphia dupla, triste reflexo do nosso desaso.

A 23 de Abril, quinta-feira, veleja a armada, rumo á terra, até que a sondagem indica pouco fundo, e param os expedicionarios junto a um rio, mais tarde chamado *Rio do Frade*. Nicoláu Coelho, indo sondar o rio, encontrou os primeiros selvagens brasileiros que andavam pela praia, com os quaes trava relações e a quem dá alguns objectos em troca de outros. Coelho só se entendeu com os naturaes por acenos, por lhes não comprehender a lingua nem elles a sua. Como o rio dêsse pouco fundo, e porque ventasse rijo nordeste, procura a frota melhor abrigo e, fugindo sempre para o norte, em ala, no dia 24, sexta-feira, pôde achar um porto, obra de 10 leguas de Rio do Frade. A esse abrigo deram o nome de Porto Seguro, porém o lugar é hoje conhecido pelo nome de *Bahia-Cabralia*, ao sul da enseada de Santa-Cruz.

Affonso Lopes vai examinar essa enseada e prende dois moços indigenas que andavam passeando em uma almadia, e os leva a Cabral.

No dia 25, sabbado, toda a armada entrou no porto (pois os maiores navios haviam ficado fóra por causa dos arrecifes), onde soltou os moços indigenas que correram logo para o matto a esconder os presentes que Cabral lhes dera e voltam para a praia onde já se encontravam numerosos indigenas que hoje se sabe serem os tupiniquins.

A 26, domingo de Paschoela, frei Henrique de Coimbra, superior dos missionarios franciscanos, com muita solennidade celebrou a primeira missa no Brasil e prégou o primeiro sermão em uma ilhota que hoje se chama *Corôa-Vermelha*.

A 27, segunda-feira, saíram muitos a fazer aguada, no que foram auxiliados pelos naturaes. Em 28, lenharam. No dia seguinte, quarta-feira, desembarcou Sancho de Tovar, estando os outros occupados em baldear mantimentos. Quinta-feira, 30, buscaram mais agua e lenha.

A primeiro de Maio, era uma sexta-feira, D. Henrique repetiu a solennidade da missa e sermão ao pé de uma grande cruz, erguida no continente. Esta missa foi assistida por numerosos indigenas que, espantados, acompanhavam as cerimoniaes do culto, examinando com interesse notavel as exquisitas vestes dos portuguezes e a grande cruz, toscamente feita de troncos da floresta brasileira e alli levantada, como signal da posse da terra descoberta para a corôa de Portugal.

A cruz era enfeitada com a esphera armillar de D. Manoel que a tinha por armas em virtude da doação de seu antecessor, o Príncipe Perfeito.

Victor Meirelles, o saudoso pintor nacional, representou esta missa num quadro seu, muito conhecido e aliás impropriamente denominado «Primeira missa no Brasil».

Nesse mesmo dia Cabral reúne os seus commandados em conselho, despacha com a noticia para o reino a André Gonçalves, segundo uns, ou a Gaspar de Lemos, conforme asseveram outros; manda deixar em terra dois degredados que trazia e ordena os aprestos para continuar a sua rota. No dia 2, finalmente, após uma estada de 10 dias em aguas do Brasil, «terra que lhes pareceu formosa e rica de vegetação», fazem-se de vela para a India, deixando na praia, em prantos, os dois degredados, um dos quaes, tendo aprendido a lingua brasilica, foi mais tarde de muita utilidade para os seus patricios e regressou a Portugal. Do outro companheiro de infortunio, bem como de dois grumetes que em terra ficaram, nunca mais houve noticia.

A frota descobridora proseguiu a sua derrota e chegou a Calicut em Setembro, tendo perdido seis navios, entre os quaes

o de Bartholomeu Dias, como vimos atraz. E' a esse naufragio que Camões se refere, ao pôr na bocca do gigante Adamastor a prophécia seguinte :

«E na primeira armada que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas
Eu farei d'improviso tal castigo
Que seja mór o damno que o perigo.
Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança.

Sinto devéras não poder trasladar para aqui a carta em que Pedro ou Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada, refere a D. Manuel, minuciosamente, os successos da chegada, o encontro dos indigenas e todos os factos occorridos enquanto estiveram na «Ilha de Vera Cruz». A carta de Caminha, documento precioso e insubstituivel, sómente foi conhecida em 1817, no trabalho de Ayres do Casal que a publicou pela primeira vez.

Rocha Pombo, no primeiro volume da sua «Historia do Brazil», traz por inteiro essa longa e interessantissima narrativa, preciosa fonte a que se há de recorrer para dirimir algumas duvidas existentes. Tal carta é o primeiro documento datado (1.º de Maio de 1500) da nossa Historia.

De Cabral se sabe que em 4 de Abril de 1502, por premio dos seus serviços recebeu de el-rei duas tenças, uma de treze e outra de trinta mil réis; em 1518 ainda era vivo e desfructava uma pensão de 2\$437 mensaes. Em 1839 Varnhagen descobriu o tumulo de Cabral na sacristia do convento da Graça, em Santarém, onde se achava desde 1529. Ha pouco, em 1903, o dr. Alberto de Carvalho trouxe os residuos mortaes de Pedro Alvares para o Rio de Janeiro, e foram collocados na Cathedral, dentro duma urna de chumbo e madeira. Em 1900, por occasião das festas do 4.º centenario do descobrimento do Brasil, foi erecto no Rio de Janeiro um monumento ao chefe da expedição de 22 de Abril de 1500. O autor de tal obra de arte é, sinão nos falha a memoria, o artista brasileiro, Rodolpho Bernardelli.

Antes, porém, da viagem do fidalgo portuguez, a costa brasileira havia sido visitada por tres ousados navegadores hispanhóes. Ninguem discute mais, hoje em dia, este facto.

E' sabido que Alonso de Hojeda, acompanhado de Americo Vesputio e de João de la Cosa, velejando em aguas atlanticas, a 27 de Junho de 1499 deu com uma costa que se suppõe ser

a do actual estado do Rio Grande do Norte, precisamente na altura do Rio das Piranhas. Não podendo ir mais para o sul, em vista das correntes, seguiu rumo norte e foi surgir em Cayenna. Hojeda, o primeiro hispanhol que passou a linha equinocial, havia saído de Santa Maria a 10 de Maio de 1499.

Vicente Yáñez Pinson, antigo companheiro de Colombo, une-se a seu parente Ayres Pinson e saem de Palos em 4 caravelas, em 13 de Dezembro de 1499; passam em Cabo Verde a 26 de Janeiro de 1500, descobrem um promontorio a que denominam «Santa Maria de la Consolacion», que segundo Varnhagen, é a ponta do Mocuripe, no Ceará. Avistam depois um rio tão largo que o baptizam por «Mar Doce»; tratam ali cruelmente com os naturaes da terra; encontram, após, o Cabo de São Vicente», hoje *Cabo de Orange*; sobem por um rio que agora conhecemos pelo nome de *Oyapock* e voltam á Hispanha com 10 mezes e meio de viagem e dois navios de menos.

Diogo de Lepe saiu de Palos em Dezembro de 1499 e tocou em pontos do Brasil, mais ou menos um mez depois de Pinson.

Estes tres navegadores, porém, apenas fizeram explorações no littoral brasilico; não só não tomaram posse da terra descoberta em nome de el-rei seu amo, como tambem nenhuma communicação fizeram, a respeito, ao monarcha hispanhol; ou si fizeram, Fernando V, o catholico, nada participou aos soberanos da Europa, como o fez D. Manuel, logo que recebeu a noticia que, em seguida á collocação do cruzeiro, Pedro Alvares Cabral lhe mandára.

(*Continúa*)

FESTA DE "SETE DE SETEMBRO"

(Comedia em um acto)

PERSONAGENS : *Eliseu*, estudante, menino de onze annos ; *Natalia*, irman de Eliseu, menina de dez annos ; *Achilles*, criado, menino de dez annos ; *Waldomiro*, amigo e collega de Eliseu, menino de oito annos ; *Arnaldo*, professor, menino de quatorze annos ; *Carlota*, menina de seis annos ; — duas meninas e tres meninos.

Sala de estudos

(Ao levantar o panno, Eliseu está em scena com algumas tiras de papel na mão).

— *Eliseu* — Está difficil este discurso ! Entendeu o professor que eu sou relógio de repetição e deu-me estas tiras para decorar. Vejam só : uma, duas, tres, quatro, cinco. . . não acaba mais. Está muito bonito, não ha duvida, mas decorar tudo isto ! . . .

Querem ouvir um pedacinho ?

— *Achilles* (entrando) — Eliseu, teu pae te está chamando.

— *Eliseu* — Eliseu, não senhor, dobre a lingua : senhor Eliseu, o senhor seu pae o chama.

— *Achilles* — Senhor Eliseu, o senhor seu senhor pae senhor chama o senhor.

— *Eliseu* — Antes assim. Vejamos o que quer meu pae. (sáe).

— *Achilles* — (só, pegando as tiras que Eliseu deixára sobre a mesa) — Que será isto ? Tanto papel ! (Lê) : N-a-nas, m-a-mar, gê-gê-gens-margens, d-o-do, Ypi pi-r-a ran-gué-a-ga Ypirangá, Dê, Pe-pe-d-r-o-dro-dê Pedro.

Que será isto ? Dê Pedro ? Não entendo : um d, um ponto e um Pedro !

Vamos adiante : Deu o g-r-i-gri-t-o-t-o deu o grito, de in-de-p-e-pen-den-den-c-i-ci-a-innocencia, ó-ô-ou, m-o-r-mor-t-e-te morte.

Chega. E' coisa triste porque fala em morte ; e como está custoso ! Por isso mesmo é que eu não quero ir para a escola, não quero aprender nada. . .

— *Natalia* (entrando) — E por isso mesmo has de ser sempre um ignorante. Não vês que é tão bello pegar-se nesse papel, ou em um livro, ou em um jornal e saber o que nelles está escripto?

— *Achilles* — Que tenho eu com o que está escripto nesse papel? Uma porção de tolices: «nas margens da innocencia o Ypiranga gritou a morte de Pedro!».

— *Natalia* (rindo-se) — Ah! ah! ah! Tolice é o que estás dizendo. Bem mostras que nada sabes. Isso que disseste não está escripto neste papel. Isto é um discurso. . .

— *Achilles* (imitando) — Um discurso. . .

— *Natalia* — . . . que o mano vae recitar hoje por occasião da commemoração da independencia de nossa cara patria. . .

— *Achilles* — De nossa cara?!

— *Natalia* — Ora, vae-te embora. E' perder tempo estar a conversar com quem não entende.

— *Achilles* — Não me vou embora enquanto a menina não me explicar essa commemoração da independencia de nossa cara.

— *Natalia* — E's um tolo.

— *Achilles* (á parte) — E's uma tola.

— *Natalia* — Cara quer dizer querida.

— *Achilles* (imitando) — Quer dizer querida.

— *Natalia* — E patria é o lugar onde nascemos.

— *Achilles* (á parte) — Minha patria é . . . (diz o nome de um bairro ou de uma povoação proxima).

— *Natalia* — Antigamente o Brasil, que è nossa patria, pertencia a Portugal. . .

— *Achilles* — Pertencia a Portugal.

— *Natalia* — Mas D. Pedro I, que era o nosso imperador, livrou-nos de Portugal e, no dia sete de setembro de 1822, ficámos uma nação livre.

— *Achilles* — Uma nação livre.

— *Natalia* — Estás entendendo?

— *Achilles* — Sim, menina, perfeitamente. (A' parte). Não entendi patavina!

— *Eliseu* (grita de dentro) — Natalia! oh Natalia!

— *Natalia* — Lá vou, maninho. (Larga o discurso sobre a mesa e sáe).

— *Achilles* (só) — Então isto é um discurso! Um discurso não (contando as tiras), são dois discursos, tres discursos, quatro discursos. . . uma porção de discursos. Ora, para que quer o Eliseu tantos discursos? Eu tambem preciso de alguns, pelo menos de dois. (Dobra duas tiras e mette-as no bolso).

— *Eliseu* (entrando) — Que fazes ahi, Achilles? Deixa-me só, que preciso preparar o meu discurso para hoje.

— *Achilles* (saindo) — Eu tambem vou preparar o meu discurso para hoje.

— *Eliseu* (só, andando e décorando) — Meus senhores. Cerebros brasileiros desejosos de nossa liberdade, receberam dos Estados Unidos a semente da idéa nobilitante. A propaganda ia ter principio: talvez a emancipação do gigantesco paiz sul-americano deixasse de ser uma mentira!

A idéa de nacionalidade frizara-se já no espirito dos brasileiros.

Pernambuco trouxe brilhantes contingentes para a nossa liberdade patria. A grandiosa bandeira de Tiradentes podia desfraldar-se: o jugo portuguez cahia, a prepotencia agonizava. E o Sete de Setembro, meus senhores, raiou numa apothese infinita de luzes, ao brado potente do nosso primeiro monarcha.

Sim, senhores! Bello discurso! Vou fazer um figurão. Muitas palmas ganharei com elle... mas... triste verdade! eu não passarei de um intermediario de applausos; pois foi o meu professor quem escreveu isto. Porque não havia de ser eu o auctor destas palavras?

Qual! Não é nada! Dentro em pouco poderei produzir alguma coisa: sou estudioso, e, digo-lhes mesmo, mas cá entre nós, para que os meus collegas não me ouçam, sou o primeiro alumno da classe. Ora, quem estuda ha de ser gente, e gente ás direitas.

Continuemos a nossa tarefa: E hoje a estatua do grande luctador José Bonifacio dorme silenciosamente no silencio da praça deserta. . . (procurando) Ora esta! Aqui falta alguma coisa. (Contando as paginas) Uma, duas... cinco! Faltam tres e quatro. (Pensa) Quem sabe si o professor por engano ficou com ellas? Vou saber. Já estamos quasi na hora de discursar, e isto assim fica um discurso sem sentido. (Toma o chapéo e sáe).

— *Achilles* (entrando com as duas tiras na mão) — Um pedaço já sei, ensinou-me o Juquinha. Querem ouvir? (Lê, apontando com o dedo). Propugnadores. Brilhantes. Da. Idéa. Sublime. Faziam. Rutilar. Um. Sol. Que. Ia. Illuminar. Uma. Nação. José. Bonifacio. Assomava. A'. Tribuna. Distribuindo. Idéas. Geniaes.

Só este pedaço é que eu sei. (Ouvindo passos). Ahi vem o Eliseu; escondamo-nos ali. (Esconde-se atraz da mesa).

— *Eliseu* (entrando) — O professor deu-me todo o discurso. . . É esta agora? Consultemos á maninha. (Grita). Natalia! (Entra Natalia). Sabes que vou fazer um discurso sobre a data de hoje?

— *Natalia* — Vi ahí umas tiras de papel que se pareciam com discurso.

— *Eliseu* — Pois era, de facto. Mas daqui me tiraram duas tiras e o discurso ficou inutilizado.

— *Natalia* (admirada) — Mas quem teria tirado?! Bem sabes que sou incapaz de bulir no que te pertence.

— *Eliseu* — Oh! Nem me passou pela imaginação que a maninha fosse capaz de bulir aqui.

— *Natalia* — Não será alguma das do Achilles? Quem sabe? Elle é tão travesso!

— *Eliseu* — E' verdade, Natalia; nem me tinha lembrado delle. E' bem possivel. Vamos saber disso. (Sáem).

— *Achilles* (só, saindo de traz da mesa) — Propugnadores brilhantes da idéa sublime faziam rutilar um sol que ia illuminar uma nação. José Bonifacio assomava á tribuna, distribuindo idéas geniaes.

Está muito bonito, mas não entendo nada.

(Ao ver Eliseu e Natalia que entram, esconde-se de novo).

Eliseu (entrando com Natalia) — Como ha de ser? Pois já vae chegando a hora do discurso e como me arranjarei?

— *Natalia* — O remedio agora é te sujeitares ao fiasco. Pois todo o mundo sabe que és o orador official e, de um momento para outro, deixar de sel-o, denota uma fraqueza de tua parte.

— *Eliseu* (tristonho) — E' verdade, Natalia. Como sairei deste embaraço?

— *Natalia* — A unica salvação é incumbires um teu collega de dizer ao auditorio que tu deixas de falar per estares adoentado.

— *Eliseu* — Mas isso é uma mentira!

— *Natalia* — Sim, é uma mentira, mas, si disseres a verdade, demonstras pouco zelo. Que dirá o teu professor sabendo que perdeste o discurso que elle te deu?

— *Eliseu* — Aceito o teu alvitre, maninha (pega na mão da menina), não ha remedio. Vou chamar o Juquinha, que servirá para me desembaraçar perante os manifestantes.

— *Achilles* (á parte) — O Juquinha!... Pois elle sabe de tudo!

— *Natalia* — O Juquinha, não, Eliseu, é preciso que seja um menino mais sério do que o Juquinha. Porque não pedes ao Waldomiro?

— *Eliseu* — Sim, tens razão. Vou mandar chamar o Waldomiro pelo Achilles. (Grita) Achilles! (pausa) Achilles! (pausa). Já que aquelle malandro não vem, vou eu mesmo. (Sáe).

— *Natalia* — Coitado do mano! tão satisfeito que estava

com o seu discurso e ver por terra a salva de palmas, as ovações de que ia ser alvo!... Mas ninguém me tira da cabeça que quem tirou as duas tiras do discurso foi o Achilles.

(Achilles mostra-se risonho no seu esconderijo).

— *Natalia* (ouvindo passos) — Ahí vem Eliseu com Waldomiro.

Eliseu (entrando com Waldomiro, ambos de chapéu na cabeça) — Dirás que uma ligeira indisposição me privou de desempenhar o papel que me fôra confiado.

— *Waldomiro* — Sim, direi tudo. (Dando a mão á *Natalia* e tirando o chapéu) — Boa noite, *Natalia*. (Põe o chapéu).

— *Natalia* — Boa noite. Então, estás prompto para te investir do mandato que te confia o mano?

— *Waldomiro* — Como não! E nem podia deixar de servir a tão bondoso amiguinho.

Eliseu — Muito obrigado, *Waldomiro*.

— *Natalia* — Já sabes como tens de desempenhar o teu papel?

— *Waldomiro* — Já. O *Eliseu* já me disse tudo, e desempenho-o, lastimando a sorte do meu amigo.

— *Eliseu* (triste) — E' digna de lastima, caro *Waldomiro*; salvo-me da responsabilidade com as palavras que irás pronunciar, mas sentir-me-ei acanhado deante de meu professor, deante dos meninos que, alegremente, esperam ouvir o meu discurso, pois todos sabem que é uma peça literaria de folego. Que fazer? Quando chegarem os manifestantes, esconder-me-ei embaixo daquella mesa (aponta para a mesa onde está *Achilles*), para apreciar humildemente o resultado, e... chorar as minhas máguas.

(Barulho fóra. Gritos: — Viva o Sete de Setembro! Viva a memoria de José Bonifacio! Salve o Grito do Ypiranga! Salve D. Pedro I! *Eliseu* corre para traz da mesa onde está *Achilles*. Os dois brigam por ameaças. Entram em scena *Carlota*, duas meninas e tres meninos; elles, de chapéu na cabeça e varas com lanternas e ellas com lanternas nas mãos).

— *Carlota* — Viva o nosso orador official!

— *Todos* — Viva!

— *Waldomiro* (subindo a uma cadeira) — Meus senhores: o orador official de vossa festa de hoje acha-se adoentado...

— *Um dos merinos* — De medo.

— *Waldomiro* — E por isso, em nome delle, venho pedir-vos desculpas pela grande falta que commette, não tomando parte nos nossos festejos commemorativos á grande data da nossa emancipação politica. Sciende de que sabereis levar em consideração o motivo apresentado pelo menino *Eliseu*, eu vos saúdo

em seu nome e no meu, e peço vos licença para tomar parte nos vossos festejos. (Desce).

— *Todos* — Oh! oh! oh! oh!

— *Achilles* (saindo de baixo da mesa e subindo á cadeira donde desceu Waldomiro) — Propugnadores brilhantes da idéa sublime faziam rutilar um sol que ia illuminar uma nação. José Bonifacio, como eu agora aqui, assomava á tribuna, distribuindo idéas geniaes. (Em outro tom). O Eliseu está ali debaixo daquella mesa.

— *Eliseu* (saindo de debaixo da mesa e dirigindo-se a Achilles) — Foste tu que tiraste o meu discurso. Agora has de explicar a todos o que fizeste, obrigando-me a fazer tão ridiculo papel.

— *Achilles* — Fui eu, sim, mas foi por brincadeira.

— *Eliseu* (raivoso) — Isso não é brincadeira! Vaes pagar bem caro a tua ousadia. (Avança para Achilles, porém, retrocede, vendo o professor que entra. A' entrada do professor, todos se descobrem e se conservam respeitosos).

— *Arnaldo* — Que é isso, Eliseu? Parece que a festa está se convertendo em briga! Muito bonito!!

— *Eliseu* — E' verdade, senhor professor, o Achilles escondeu o discurso que o senhor me deu para esta nossa festa civica e...

— *Arnaldo* (interrompendo) — Não é preciso que me digas; ouvi tudo dali de fóra e, portanto, sei de que se trata. Deves desculpar o Achilles: os ignorantes não sabem o que fazem. Si Achilles fosse um menino criado no seio da escola, que passasse quatro ou cinco horas por dia em companhia de um professor carinhoso e docil, seria incapaz de praticar uma acção como a que praticou.

A ignorancia obscurece o caminho da vida, dizia o meu professor.

— *Carlota* (admirada) — O senhor tambem tem professor?

— *Arnaldo* (risonho e passando a mão na cabeça de Carlota) — Não tenho, mas já tive. Pois não sabes que foi com um professor que apprendi o que agora ensino a vocês?

— *Achilles* (adeantando-se, dirigindo-se ao professor e bategendo no peito com arrogancia) — Professor, aqui está um seu alumno, que além de ser um bom discipulo, será um óptimo menino!

— *Arnaldo* — Bravo!

— *Achilles* (a Eliseu) — Eliseu, peço-te perdão pela minha brincadeira sem gosto, sem espirito: uma tolice minha. Sejamos amigos e collegas, pois vou entrar para a escola.

— *Eliseu* — Estás perdoado, Achilles; faço ardentes e sinceros votos por que se realize o mais breve possivel o que

acabas de dizer ao nosso bondoso professor. Sejam os amigos e colegas. (Abraçam-se). Viva o nosso professor!

— *Todos* — Viva!

— *Natalia* — Já que não temos o discurso do Eliseu, cantemos o nosso hymno em homenagem ao anniversario da Independencia do Brasil.

— *Arnaldo* — Cantemos (Dá a entrada).

— *Todos* (cantam) :

Rompeu ovante o Sete de Setembro,
Ante estridente aclamação do povo;
Raiou a nossa cara Liberdade
E começámos um regimen novo.

Côro

Festejemos a data mui gloriosa,
Que livrou o Brasil de Portugal;
Cantemos o nosso hymno alegremente,
Lembrando o feito grande e immortal!

Salve, Pedro Primeiro! Salve, heróe!
D'espada em punho em frente da cohorte,
Sacando o laço azul do velho reino,
Deu o grito de « Independencia ou Morte! »

Côro

Festejemos a data, etc.

Salve do grande vulto a gran memoria,
Da Independencia o patriarcha nobre;
Tres vezes salve o Sete de Setembro
Que de louvores nossas palmas cobre!

Côro

Festejemos a data etc.

(*Cae o panno*)

OSCAR GUILHERME.

ARVORE VELHA

Para o distincto collega
Prof. OSCAR DE MELLO BRITTO.

Arvore velha, aquella! Arvore aquella
que nasceu — de tão velha — nem sei quando...
e inda tem namorados a quem ella,
com tal idade, inda se põe amando!

E são passaros! passaros em bando!
— Um bando que a idolatra tagarella...
Sem que lhe veja encantos de donzella
e o attractivo de um fructo amadurando!

E' que, apenas, os passaros... apenas
lhe pedem — nunca mais do que isso! — o abrigo
de que carecem todos que teem penas...

penas! que buscam — como nós buscamos
suffocar á pressão de um seio amigo...
Suffocar sob as azas dos seus ramos!

Bananal, 916.

CORIOLANO MARTINS.

NOTAS

Escola Normal Primaria de Botucatú

Inauguração do novo edificio pelo sr. secretario do Interior

OS BRILHANTES FESTEJOS

A inauguração do novo e sumptuoso edificio da Escola Normal Primaria de Botucatú, realizada em 24 de Maio ultimo, pelo sr. dr. Oscar Rodrigues Alves, illustre secretario do Interior, attesta a operosidade e os esforços do governo do Estado pelo desenvolvimto da instrucção e o progresso crescente da bella cidade da zona sul de S. Paulo.

Os festejos da inauguração, com a presença dos representantes do governo do Estado, membros da municipalidade, pessoal do fôro, das escolas, imprensa, e do povo botucatúense, revestiram-se de um brilho extraordinario.

PARTIDA DESTA CAPITAL E CHEGADA A BOTUCATÚ

Afim de inaugurar o importante estabelecimento de ensino, seguiu, ás 22 horas de 24 do corrente, para Botucatú, em trem especial, o sr. dr. Oscar Rodrigues Alves, secretario do Interior, com o seu auxiliar de gabinete, sr. Mario Reys, dr. José Rubião, secretario da presidencia do Estado; dr. Alfredo Braga, director de Obras Publicas, representando o sr. secretario da Agricultura; dr. João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior, director geral da Instrucção Publica; dr. Frederico Magalhães, inspector do trafego da Sorocabana; dr. Luiz Ayres de Almeida Freitas, dr. Leopoldo de Freitas, professor Miguel Carneiro Junior, director do Almocharifado da Secretaria do Interior; sr. Pereira Lima, do «Commercio de S. Paulo»; e o nosso companheiro, sr. Plinio Barbosa, representando o «Correio Paulistano».

O especial chegou áquella cidade ás 8 horas do dia seguinte.

Aguardavam-n'os na gare da Sorocabana o director, o corpo docente, alumnos e alumnas da Escola Normal, o inspector escolar Morato, que ha dias ali se achava em commissão, auxiliando nos trabalhos de organização do programma das festas escolares e da installação da nova escola, os srs. drs. Juiz de Direito, Pro-

motor Publico e Delegado de Policia, advogados e representantes do fôro e demais auctoridades locais.

A' chegada do comboio, duas bandas de musica executaram o Hymno Nacional, sendo o titular da pasta do Interior cumprimentado pelos presentes. Em automoveis seguiram S. Exa. e comitiva para a cidade, onde, depois de breve repouso, seguiram, ás 11 horas em visita de *inspecção ao prédio*.

Percorreram minuciosamente todas as dependencias, informando-se de tudo o que viam e observavam.

O novo prédio obedece aos preceitos da hygiene moderna, cooperando para o embelezamento floresente desta cidade.

O projecto do edificio foi organizado pelo Escriptorio Technico da Directoria de Obras Publicas.

As obras foram em seu inicio contractadas com a Camara Municipal de Botucatú, em 29 de Maio de 1913, executando-as como prepostos os srs. Dinucci & Pardini.

As obras de conclusão do edificio foram posteriormente contractadas, em 9 de Julho de 1914 e 4 de Dezembro de 1915, directamente com empreiteiros.

O porão do edificio mede tres metros de altura, tendo o seu corpo directo cinco salas para trabalhos manuaes, etc.

O primeiro pavimento possui amphitheatros de physica e chimica, salões para bibliothecas e laboratorios de physica e chimica, dez salas para aulas, duas salas para secretaria e portaria, vestiario e installações sanitarias.

No segundo pavimento estão localizados: um grande salão para musica e festas, sala do director, dez salas para aulas, duas salas de descanso dos professores, duas salas para o material escolar e installações sanitarias.

A área completa do edificio mede cerca de 1.750 metros quadrados.

Pela descripção, verifica-se que o novo edificio preenche todos os requisitos e exigencias da hygiene moderna escolar.

Terminada a visita, s. exa. e comitiva regressaram á residencia do sr. Pedro de Barros, demorando-se, no trajecto, na igreja Cathedral, onde oraram por alguns instantes.

Na residencia do sr. Pedro de Barros foi offerecido um almoço, ás 12 horas, ao sr. secretario do Interior e comitiva, no qual tomaram parte os membros do directorio local, Camara e fôro.

A INAUGURAÇÃO

Á 1 hora e 15 minutos da tarde, o dr. Oscar Rodrigues Alves, acompanhado do sua comitiva e das auctoridades locais, chegou á Escola Normal. S. exa. foi recebido no portão da

entrada pelo director e todos os lentes do estabelecimento, e nas escadarias por um grupo de alumnas que, postadas em duas alas, atirou flores sobre os illustres visitantes.

Pouco depois, o secretario do Interior assistiu, do balcão nobre do edificio, o imponente desfile dos alumnos de todas as escolas estaduaes, das subvencionadas pelo governo do Estado, e do instituto particular de ensino, com séde na cidade, uma verdadeira parada escolar, sob a direcção dos professores Luttegardes Castro e João Ventura Fornos, encarregados da organização d'aquelle desfile de 1553 alumnos distribuidos pelas differentes escolas, conforme o quadro que se segue.

Abria a marcha da columna escolar a Escola Normal, com 294 alumnos uniformizados, sob a direcção do professor Gastão Pupo, seguindo-se-lhes os alumnos do Grupo Escolar Modelo, sob a direcção dos respectivos professores, com 775 alumnos, escolas isoladas estaduaes, diurnas e nocturnas, regidas pelos professores Astrogildo Arruda, d. Rosa Cassini, d. Amelia de Barros, d. Noemia V. Barros, Gustavo Dias de Assumpção, e Americo S. Veiga, com 210 alumnos, e Collegio dos Anjos, regido pelas exmas. irmans Marcellinas, com 40 alumnas, Seminario Diocesano, dirigido pelo conego revd. Isidoro Monteiro, com 64 alumnos, escola Dante Allighieri, dirigido pelo prof. Olivo Andolfato, agente consular italiano, com 70 alumnos, instituto commercial, dirigido pelo dr. J. B. Vittone, com 60 alumnos e escola da irmandade de S. Vicente de Paulo, regida pela professora d. Noemia de Carvalho, com 40 alumnos.

A's 2 horas da tarde, o dr. Oscar Rodrigues Alves entrou no salão nobre, já repleto, tendo os alumnos da escola cantado, por essa occasião, o Hymno Nacional.

O sr. Lindolpho de França Machado, director do estabelecimento, proferiu, em seguida, um discurso allusivo ao acto, e terminou por convidar o titular da pasta do Interior a assumir a presidencia da sessão solenne da inauguração.

A' mesa da presidencia sentaram-se, além do sr. dr. Oscar Rodrigues Alves, os srs. drs. José Rubião, Luiz Ayres de Almeida Freitas, João Chrysostomo e professor Lindolpho Machado. Em logares reservados tomaram assento as auctoridades e outras pessoas gradas, bem como os representantes da imprensa, srs. Plinio Barbosa e Pereira Lima e Mario Reys, Official de Gabinete do exmo. sr. dr. Secretario do Interior.

Sob a direcção do inspector escolar, professor Antonio Morato de Carvalho, foi observado o seguinte programma:

I parte — Hymno Nacional, pelos alumnos da escola; allocução de abertura da sessão, pelo sr. professor Lindolpho de França Machado, director da Escola Normal; offerecimento á

Escola Normal dos retratos dos exmos. srs. dr. Francisco de Paula Rodrigues Alves, dr. João Alvares Rubião Junior, dr. Paulo de Moraes Barros, coronel Raphael Augusto de Moura Campos e coronel Amando de Barros, pelo orador sr. dr. Luiz Ayres de Almeida Freitas.

II parte — Hymno escolar paulista, musica do professor sr. A. Demériat, pelas alumnas da escola.

Discurso pelo representante do corpo docente da Escola Normal, professor sr. Izaltino Mello; «O pobrezinho e a escola» — poesia pela alumna da escola, senhorita Maria José Marques da Silva; allocução, pelo professorando Adroaldo Alvés Correia, representante da secção masculina da escola; «Haja luz», poesia pelo professorando Luiz de Mello; allocução, pela alumna senhorita Dinorah Dias, representante da secção feminina; «Canção do exilio», musica do professor sr. A. Demériat, pelas alumnas da Escola Normal.

III parte — Saudação aos assistentes, canto pelas alumnas do Grupo Escolar Modelo; «Sinite parvulos», poesia pela alumna Clothilde Veiga de Barros; Hymno paulistano, canto pelas alumnas do Grupo Modelo; «Salve, bandeira!», poesia pela alumna Pia Graciani; Encerramento da sessão; Hymno da proclamação, pelas alumnas do Grupo Escolar Modelo.

Os côros musicaes, executados pelas alumnas da E. Normal e do Grupo Escolar Modelo, foram acompanhados ao piano, respectivamente, pelas sras. professoras d. Isabel Alves C. Mallette, Eulalina do Amaral Campos e pelo professor A Demériat, encarregando-se do ensaio dos hymnos infantis o sr. professor Pedro Leonel.

Ao encerrar a sessão, o dr. Oscar Rodrigues Alves disse que, em nome do presidente do Estado, declarava, pois, inaugurado o novo predio da Escola Normal de Botucatu. Esse acontecimento demonstrava o carinho com que o Governo se esmera em tratar dos negocios da instrucção publica.

Quando, devido á crise economica, repentinamente declarada em quasi todo o mundo, por causas sabidas, o Governo de São Paulo viu-se obrigado a sustar obras adiaveis, as que se referiam ao desenvolvimento da instrucção foram poupadas cuidadosamente e, com sacrificios, por todo o Estado continuaram a se erguer os edificios escolares. Era assim, devido a esta orientação immutavel que, naquelle momento, se dava a inauguração do novo edificio da Escola Normal de Botucatu. Amanhan, setia a vez de S. Carlos, depois a da Escola Profissional de S. Paulo.

Era preciso, porém, que os srs. professores e alumnos não se esquecessem de auxiliar o Governo na missão patriotica de

difundir a instrução e de tornal-a cada vez mais eficiente e facil.

Si era verdade que o ensino em S. Paulo já honrava a nossa cultura, não se podia negar que a obra, que tanto envaldecia a administração publica do Estado, não estava ainda completa. A falta de escola nos centros ruraes longinquos era uma lacuna, que demandava solução, e o ensino professional estava apenas esboçado. Felizmente á frente do Governo via-se o dr. Altino Arantes, que tem pela instrução uma carinhosa dedicação. O actual Governo não negligenciaria, pois, o problema vital da nossa grandeza, para que S. Paulo continuasse a trilhar na federação brasileira como o Estado modelo.

E encerrou a sessão.

Retirou-se o Dr. Secretario, vivamente impressionado pelo aspecto brilhante da festa que acabava de assistir.

NOTAS

O edificio mal continha a numerosa assistencia, no meio da qual se viam representantes de muitos municipios vizinhos.

Uma secção da banda musical da força publica, cedida pelo Dr. Secretario da Justiça, executou no saguão, á entrada do edificio, diversas peças do seu escolhido repertorio, sob a regencia do tenente Lorena; e á noite offereceu ao publico da cidade um bello concerto no corêto erguido em uma das praças, junto ao novo jardim.

— A' entrada do salão nobre da Normal, uma comissão composta dos professores srs. J. Vieira de Campos e Deocleciano Pontes recebeu o sr. dr. Secretario do Interior e comitiva, conduzindo-os junto á mesa aos logares que lhes estavam reservados.

— Os repórteres photographicos impressionaram diversas chapas por occasião da sessão inaugurada e á sahida do dr. Secretario.

A' tarde, em companhia do inspector escolar commissionedo em Botucatu, os srs. director, professores da Normal e demais professores do Grupo Escolar e escolas da cidade foram cumprimentar, em ligeira visita, o titular da pasta do Interior e o dr. João Chrysostomo.

— Entre a II e a III parte do programma, a convite do sr. dr. Secretario do Interior, o sr. dr. Leopoldo de Freitas produziu uma brilhante allocução, sendo muito applaudido.

— Em breve será tambem inaugurado, no salão de honra da E. Normal, o retrato a oleo, em rica moldura, do illustre dr. Altino Arantes, Presidente do Estado.

A Comissão, que se encarregou de obter o consentimento do Governo e angariar a quantia necessaria, é composta dos srs. coronel Jorge Gomes Pinheiro Machado, Armindo Cardoso, José Ferreira Guimarães, coronel Joaquim Leandro de Oliveira, advogado Gouveia Almeida, dr. Antonio do Amaral Cesar, coronel Napoleão de Carvalho Barros, major Albertino Mauricio de Oliveira, Francisco Pinheiro da Silva, coronel Antonio Cardoso do Amaral, Americo Gonçalves, dr. Sebastião Villas-Bôas, Estevam Ferrari, major Manoel José de Araujo Azevedo e Custodio Cardoso de Almeida.

— A' 1 hora e 25 ms. partiu o trem especial que conduziu os mesmos hospedes, de regresso á Capital, deixando-nos a todos a mais grata impressão de sua passagem por Botucatu, no momento em que se realizava a festa da luz, a festa da instrucção.

OS DISCURSOS

Damos a seguir o bello discurso proferido pelo representante do Corpo Docente da E. Normal, professor Isaltino de Mello.

« Breve mensagem me faz vir até este logar de honra, impellido pela generosidade de meus collegas do corpo docente da Escola Normal.

Nossos applausos deveriam vir fazer côro com os applausos da mocidade, agora que se realiza a inauguração deste edificio, dotação complementar com que o patriótico Governo de São Paulo tanto beneficiou a zona Sul do Estado. Zona prospera, recortada de longas fitas de aço que transpõem as nossas fronteiras facilitando o contacto, o intercambio commercial e intellectual com os Estados vizinhos; zona exuberante de vida e destinada decerto a constituir-se um nucleo productor de primeira ordem e importante fonte de riqueza, não podia a sabedoria do Governo descurar do problema de erguimento do nivel de cultura dessa mocidade necessaria para ocupar as avançadas e alinhar-se na longa fila dos combatentes em favor dos idéaes mais caros, pela Patria e pelas instituições liberaes, conquistadas nossas e que foram sempre o sonho de nossos maiores.

Fê-lo nobre e generosamente esse Governo, implantando aqui um Instituto Normal de onde levas de moços professores partirão todos os annos na missão mui nobre de educar a meninice patricia do sertão.

Espalhou estabelecimentos modelares de ensino por todos os centros populosos e, onde quer que se faça opportuno, localiza uma escola.

O facto da inauguração deste sumptuoso edificio escolar hoje nesta cidade representa a culminação dos esforços, significa o largo descortino do governo de S. Paulo, o qual, a despeito da crise tremenda que nos assoberba, não mede sacrificios e, sem vacillar, vae por toda parte espalhando estabelecimentos de ensino.

Povo que somos, vos agradecemos, senhor; na qualidade de mestres, aqui destacados para aquelle sacerdocio, portadores da confiança desse mesmo Governo, antes pela complacencia de nossos superiores, que pelos nossos nenhuns méritos, nos congratulamos comvosco. Não nos póde ser indifferente a marcha ascendente do ensino em nosso Estado; animam-nos aspirações mui caras e é sempre com sympathia que assistimos ao desdobramento, ao aperfeiçoamento de nosso apparelho escolar.

E a representação do corpo docente da Normal se faz tanto mais necessaria, porquanto não repousa tão sómente na sumptuosidade material dos edificios a grandeza da instrucção, porém, força invencível, assenta aquella antes de tudo na homogeneidade de seu aparelhamento, que decorre do superior critério dos governos e da realidade do ensino, pela competencia e pela dedicação dos mestres.

E é para affirmar a v. exc., sr. dr. Secretario do Interior, aquella dedicação que nós nos servimos da opporfunidade feliz desta solennidade.

O tacto fino e a clara previsão de s. exa. o sr. dr. Presidente do Estado, a sabedoria com que se faz rodear de seus auxiliares, nomes feitos, talentos de escol, animando-os a todos, os mais nobres, os mais alevantados ideaes, tendo todos a nitida comprehensão de suas responsabilidades e de quanto devem e podem fazer pelo progresso e pela grandeza de S. Paulo — fazem-nos antever para este a continuação daquella mesma hegemonia que se vem assignalando na sériação brilhante dos governos passados.

A attenção particular com que no quatriennio findo encarou os problemas da instrucção e ensino em nosso Estado, o interesse com que voltava as vistas para as organizações escolares em sua proficua e brilhante excursão hontem ás republicas vizinhas, constituem garantia segura de que o departamento da Instrucção Publica tudo deve esperar do estadista moço que vê nesta hora a população toda de um Estado voltar-se confiante para sua individualidade de merecido destaque.

A v. exa., exmo. sr. dr. Secretario do Interior, vão de um modo particular nossas saudações e com ellas, si o permitis, um sagrado penhor.

Aproveitae, senhor, os desejos nobres do professorado paulista, dae-lhe a mão num gesto largo de sympathia, fazei comprehendêr ás turbas envoltas ainda no obscurantismo, ou áquellas porções da sociedade, cheias de falso preconceito, que não ha razão para se relegar o mestre escola para um plano secundario, porque é aquelle a melhor garantia da prosperidade, da grandeza da Patria, e o encarregado de transformar a criança innocente e bulhenta no cidadão prestante, no patriota capaz; dissei-lhes que a senha da mais pura democracia, que foi o ideal de Prudente de Moraes e Rangel Pestana e que tem sido a directriz dos estadistas da Republica e dos governos de S. Paulo, tem por base a escola primaria, para sustentaculo dos mestres, e vereis então, cataratas systematizadas em forças, que uma legião inteira se alinhará para ás vossas ordens partir na disseminação do ensino, hypothecando os ardores e as alegrias que são o caracter immanente da mocidade — ao vosso Governo.

Tornado coheso e prestigiado pelo bafejo official, o professorado se constituirá uma força, e não regateará dedicações, porque não nas tem regateado, quando as sympathias dos governos as têm solicitado; não medirá sacrificios em seu sacerdocio e pela instrucção e pela Patria e pela Republica tudo fará.

Todas as perspectivas optimistas se voltam, num ambiente de profunda sympathia, para o periodo governamental que v. exc. ora inicia no alto posto de Secretario d'Estado dos Negocios do Interior.

Porque todos conhecem os moldes severos e a austeridade com que foi vosso talento burilado foi vosso caracter formado; todos sabem que a escola do Dever vos foi indicada desde logo, que o culto á Patria desde logo vos foi indicado como um breviario da religião do civismo.

E vossas energias moças, e vosso contacto constante e carinhoso com aquelle estadista veneravel, que é vosso venerando progenitor, fazem-nos antever um labor constante, fecundo e sabio da parte de v. exc., que por certo sustentará numa admiravel intuição das cousas, o brilho de que se vem revestindo desde muitos annos o secretariado do Interior do Estado de S. Paulo.

Senhor.

Gerações e gerações de moços, hão de passar por sob as arcadas desta Escola. Todas ellas seguindo o destino vario, velejarão, barcos errantes, rumos diversos, incertos ou não, á

mercê muitas vezes dos embates dos vagalhões da desdita, no grande, no immenso mar attribulado da existencia. Guardarão, no emtanto, as tradições que neste templo se irão formando e viverão então da lembrança do passado, confortados nas lições do civismo, amor e crenças que aqui lhes dermos.

E a passagem de v. exc. e distincta comitiva por esta Escola, e a honrosa visita com que nos acabaes de distinguir e sobretudo a dadiva generosa, que á mocidade vindes fazer deste templo para suas orações no livro sagrado da sciencia, oh! essa mesma mocidade guardal-os-á como reliquias caras e as transmittirá, numa farta mésse de bençams, ás gerações por vir.

Regressareis em breve aos vossos labores; ficae certo, no emtanto, de que, aqui, os mestres e a mocidade dão-se as mãos no culto dos mesmos ideaes e com o mesmo devotamento irão contentes acampar para onde os designardes, pela grandeza de S. Paulo, pela verdade da Republica brasileira.

Acceitae, senhor, nossas saudações e os protestos de profundo respeito e inteira dedicação de vossos mais humildes servidores, os professores que constituem o corpo docente da Escola Normal de Botucatú. E permitti ainda que nos meandros dessa mesma saudação, envolvamos tambem o nome de vosso digno auxiliar, nosso superior, collega e amigo, — porque é um grande amigo do professorado, o sr. dr. João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior, dd. director geral do Ensino.

E vós, exmo. sr. dr. Oscar Rodrigues Alves, sereis, d'ora avante, o depositario de nossas melhores esperanças, e nós acompanharemos a marcha ascendente de vosso nome, no scenario politico e nos departamentos da administração, com aquella confiança de que as energias de vossa mocidade, o vosso saber e a vossa dedicação constituem as melhores e as mais auctorizadas premissas.

Botucatú — 24 — Maio — 1916.

Assistencia escolar em São Paulo

Não se póde admittir uma bôa organização de ensino publico, sem um trabalho systematico de assistencia escolar.

Em toda a parte do mundo, onde da criança de hoje se prepara o cidadão de amanha, o serviço de assistencia escolar tem attrahido a attenção dos Governos e dos particulares com tanto interesse e carinho, que, dia a dia, as condições da in-

fancia pobre melhoram, sob o aspecto da saúde e da facilidade de vida.

A esse respeito, o Estado de S. Paulo, que se orgulha do seu ensino publico, não podia permanecer indifferente.

E assim foi que, pela dedicação de um dos seus medicos de hygiene, o illustre dr. Vieira de Mello, lançou a idéa de se instituir a assistencia dentaria nos grupos escolares da Capital, idéa que logo vingou, sob o patrocínio de illustres senhoras paulistas.

Os resultados colhidos são já excellentes, e é de esperar que maiores sejam para o futuro.

A resenha abaixo, assignada pelo illustre dr. Vieira de Mello, dá uma idéa exacta do que a respeito já se fez nestes ultimos quatro annos:

« Ha quatro annos precisos, no dia 26 de Maio de 1912, secundado pelo professor Benjamim Reis, então director do grupo escolar do Arouche, reuni um grupo de intellectuaes, em sua maioria pedagogistas e medicos, para fundar a Associação Paulista de Assistencia Dentaria Escolar.

Explanado o assumpto, novo para o nosso meio, mas já em pratica em quasi todos os paizes civilizados, emérito pedagogista e jornalista militante, applaudindo a iniciativa, discordou da orientação, opinando que tal certamen só poderia ser realizado pela acção governamental, e não particular.

Repliquei-lhe, citando o exemplo da clinica escolar de Strasburgo, fundada por iniciativa particular num compartimento esconso da Universidade, e 25 annos mais tarde installada luxuosamente em edificio proprio, doado pela municipalidade, accrescentando ter bastante confiança na generosidade do povo paulista e, portanto, na viabilidade da idéa.

Quatro annos são decorridos da fundação da Assistencia dentaria escolar em S. Paulo, e só posso louvar-me dos resultados obtidos. Desde logo, tres senhoras paulistas acceitaram a incumbencia de doar o material necessario á installação de tres dispensarios. Havia a resolver o problema do local, insuperavel, si tivéssemos de recorrer a predios particulares, mas facilmente sanado pela concessão feita pelo exmo. sr. dr. Altino Arantes, então secretario do Interior, de salas em edificios escolares que a tal fim se prestassem.

Estavam assim vencidas as primeiras difficuldades, e os tres dispensarios foram successivamente inaugurados nos grupos escolares « Prudente de Moraes », Barra Funda e Bella Vista, sendo respectivamente denominados « Maria Teresa », « Edwiges Duprat » e « Olivia Coelho », em hommenagem ás suas benemeritas doadoras.

O que tem sido esta obra de prophylaxia individual e social, disse-o o sr. dr. Francisco Sodré, em brilhante discurso proferido na Camara dos Deputados Estaduaes, justificando uma petição de auxilio ao poder legislativo; dil-o o relatorio que apresentei em assembléa geral de 25 de Março do corrente anno, o qual consigna 15.450 intervenções no decurso de 1915, as quaes, addicionadas a 26.988 até Dezembro de 1914, perfazem um total de 42.433 intervenções dento-buccaes nos tres dispensarios de assistencia dentaria escolar de S. Paulo.

Não parou ahi essa obra de philanthropia, já de si bastante meritoria para justificar os seus fins sociaes.

Creada a inspecção medica dos escolares, de cujo serviço faço parte, tive ensejo de verificar, em começo dessas inspecções, a necessidade imprescindivel das clinicas dentarias escolares, cuja realização me foi dado conseguir. Pouco a pouco, outra necessidade se foi impondo á minha observação: contrariamente ao que se lê em tratadistas de estomatologia, que subordinam a cárie dentaria ao máu estado das amygdalas, eu verifiquei a inversa, isto é, a hypertrophia das amygdalas consecutiva a lesões dento-buccaes.

Dahi o empenho de crear um serviço de molestias da garganta, annexo ao de affecções da bocca, manifestado no meu citado relatorio e levado a effeito, graças á bôa vontade do sr. dr. Schmidt Sarmiento, que generosamente annuiu em assumir a sua direcção clinica.

Este serviço, inaugurado em 13 de Abril ultimo, no grupo escolar « Prudente de Moraes », e que recebeu a denominação de Dispensario « Maria Theodora Arantes », em homenagem á memoria dessa socia protectora, está funcionando com a maxima regularidade, todas as quintas-feiras, sendo ali operados escolares portadores de amygdalites em todas as suas variedades e adenoides de todas as dimensões.

Dest'arte, a Assistencia Dentaria Escolar de S. Paulo vai aos pouco preenchendo funcções medico-cirurgicas, imitando assim a Inglaterra, que tem, annexas ás suas escolas, policlinicas gratuitas, dotadas do melhor material para diagnósticos e tratamento dos respectivos alumnos.

Penso que não podemos aspirar a tanto, mas acredito que poderiamos attingir ao meio termo, seguido na America do Norte, de serem os medicos escolares auxiliados por « nurses » ou enfermeiras diplomadas, ás quaes incumbe a tarefa de fazer curativos que a falta de recursos paternos não permite a grande numero de escolares.

Outro assumpto que me tem preocupado e merece a attenção dos legisladores é o que concerne a colonias de férias, uma de

altitude, para as férias de verão, e outra marítima, para o período de inverno, onde os alumnos lymphaticos e depauperados pudessem gosar de um mez, em cada período de férias, de ar puro e vivificador, sob a vigilancia de professores, igualmente necessitados.

Estes dois assumptos foram por mim abordados no relatório que apresentei á directoria do Serviço Sanitario, em Janeiro do corrente anno, baseado na inspecção médica de 4.037 alumnos e 145 professores, no anno findo.

Assim como da iniciativa particular já nos desvanecemos de apresentar a assistencia dentaria e oto-rhino-laringologica escolar, em S. Paulo, assim tambem nos é dado esperar dos poderes publicos medidas hygienicas complementares da inspecção medica dos escolares, cercando os enfermiços de cuidados que lhes assegurem a restauração da sua saúde, base de uma população viril e intelligente. »

DR. VIEIRA DE MELLO.

Director-geral da Associação Paulista de Assistencia Dentaria Escolar.

Polyanthéa

Temos em mão a *Polyanthéa* que se publicou em Botucatu, a 27 de Maio de 1916, por occasião de inaugurar-se naquella localidade o edificio da Escola Normal.

Homenageando o Governo, que auctorizou e levou a cabo a construcção do edificio, traz, em sua primeira pagina, os retratos dos exms. srs. Conselheiro Rodrigues Alves e dr. Altino Arantes, respectivamente, Presidente do Estado e Secretario do Interior.

Além desses, traz tambem os retratos dos srs. drs. J. A. Rubião Junior, Carlos Guimarães, J. Freitas Valle, Coronel Raphael Augusto de Moura Campos, chefe politico local; Amando de Barros, Paulo de Moraes Barros, como uma justa homenagem á collaboração que esses distinctos cidadãos prestaram, com a sua influencia, á realidade daquella aspiração do povo da adeantada cidade paulista.

Contém ainda a *Polyanthéa* bons trabalhos literarios, em prosa e verso, firmados pelos srs. C. Euzebio Fazzio, Ataliba Pires, Astolpho G. Martins, Dr. Vittone e L. Machado.

Muito gratos pela offerta.

Os membros da *Associação* continuarão a receber a *Revista* gratuitamente, e os não associados poderão obtel-a por assignatura annual de 5\$000.

Continuamos a receber grande numero de publicações, com as quaes permutamos.

As recebidas ultimamente são :

Bo'tim da Alliança Franceza, Paris.

O Movimento, S. Manoel do Paraíso.

Bulletin Officiel, Paris.

Memoria de Instrucção Publica, Costa Rica.

El Monitor de la Educacion Común, Buenos-Aires.

Revista de la Educacion Fisica, Buenos-Aires.

Revista de Educacion, Buenos-Aires.

Patria, Recife.

Monitor Sul-Mineiro, Cid. da Campanha.

Le Mésager de São Paulo, Capital.

O Conservador, Nazareth.

Educação e Pediatria, Rio de Janeiro.

Biletin Mensual del Museo Social Argentino, Tucuman.

Diario Official, São Paulo.

La Rivista Coloniale, São Paulo.

O Commercio do Acre, Xapury.

A Federação Escolar, Porto.

Via Lactea, Piauhy.

Revista de Educação, Lisboa.

Educacion Común, Buenos-Aires.

Revista Escolar, Rio de Janeiro.

O Mogymiriano, Mogy-mirim.

O 11 de Junho, Gremio Normalista, Pirassununga.

Comarca, Mogy-mirim.

A Directoria Geral da Instrucção Publica tem a seu cargo a Redacção da *Revista*, que voltou a ser editada ás expensas do Exmo. Governo do Estado.

As sras. professoras e os srs. professores podem dirigir os seus trabalhos de collaboração com este endereço :

Redacção da Revista de Ensino.

Directoria Geral da Instrucção Publica.

Rua do Ypiranga, n. 24.

Para facilidade do serviço typographico, os artigos devem occupar uma lauda de cada tira de papel, escripta de um só lado. Recebe-se collaboração para o numero seguinte.

A *Revista* começou a ser distribuida gratuitamente a todos os Srs. Professores e Professoras dos Grupos escolares do Estado, alumnos dos 4.^{os} annos das Escolas Normaes e aos Professores de escolas isoladas que a requisitarem.

Deste modo, a Redacção espera que todos os Srs. Professores se interessarão pela *Revista*, enviando sua collaboração, de modo que continue a ser um repositório seguro de observações em relação a todas as disciplinas do programma.

Deixou de ser procurador social o sr. Assis Velloso, pelo que, os srs. associados, que tiverem de enviar suas procurações, as dirigirão ao cidadão Aristides Pereira Leite, declarando nelas que podem ser substaelecidas, afim de que não venham a soffrer interrupção no andamento de seus pedidos.

Toda a correspondencia será dirigida ao secretario da Associação, prof. Demosthenes Marques, Caixa do correio n. 183, Capital.

Os srs. associados têm direito, gratuitamente, aos serviços do procurador social, que trata nas repartições publicas do andamento de todos os papeis que dizem respeito ao exercicio dos srs. professores e professoras.

Está á venda o um volume da *Revista* de 1914 — 1916, para completar as antigas collecções, preço 5\$000; a enviar pelo correio, mais 500 réis de porte e registro.

Revista de Ensino

A *Revista de Ensino* continua a representar, na imprensa, a Associação Beneficente do Professorado Publico de S Paulo.

E' o seu organ; a s devem ser endereçados (rua Ypiranga n. 24) os pedidos de assignatura e toda a correspondencia.

Pedimos aos srs. assignantes que ainda não mandaram reformar suas assignaturas, queiram fazel-o, para evitar que lhes seja suspensa a remessa da *Revista*.

A importancia da assignatura, 5\$000 por anno, póde ser enviada em vale postal ou em sellos do correio.

“Revista de Ensino”

A' venda — collecções completas, quatorze annos, nove volumes:

Encadernação superior	55\$000
Meia encadernação	45\$000
Em brochura	35\$000
Em fasciculos	25\$000

Registrado, pelo correio, mais 5\$000.

Tambem se vendem volumes avulsos para completar collecções, em fasciculos, pelo correio, 5\$000 cada volume.

Pedidos á *Associação Beneficente do Professorado*, rua Ypiranga n. 24, ou ás livrarias *Francisco Alves & Comp.*, rua de S. Bento, e *Duprat & Comp.*, rua de S. Bento, 21 — Capital.
